

PROGRAMA DE MESTRADO **PROFISSIONAL EM LETRAS**



UNIDADE CÁCERES



PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS

Av. Santos Dumont – Bloco do Centro de Pesquisa e Pós-Graduação em Linguagem Cidade Universitária – Bairro DNER – CEP 78.200-000 – Cáceres-MT Tel (65) 3224-1307

UNIVERDIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO FACULDADE DE EDUCAÇÃO E LINGUAGEM PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS

EMANUELE CORRÊA DE FRANÇA

A PRODUÇÃO DE PARÓDIAS: UMA PROPOSTA PARA O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA

CÁCERES

2015

EMANUELE CORRÊA DE FRANÇA

A PRODUÇÃO DE PARÓDIAS: UMA PROPOSTA PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Dissertação de Mestrado Profissional apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT para a obtenção do título de Mestre em Letras, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Vera Regina Martins e Silva.

CÁCERES - MT

França, Emanuele Corrêa de

A Produção de paródias: uma proposta para o ensino de Língua Portuguesa./Emanuele Corrêa de França. Cáceres/MT: UNEMAT, 2016. 124f.

Dissertação (Mestrado) — Universidade do Estado de Mato Grosso. Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS, 2016. Orientadora: Vera Regina Martins e Silva

1. Paródias. 2. Análise de discurso. 3. Leitura – interpretação – paródias musicais. 4. Paráfrase. 5. Polissemia. I. Título.

CDU: 82-7(817.2)

Ficha catalográfica elaborada por Tereza A. Longo Job CRB1-1252

EMANUELE CORRÊA DE FRANÇA

A PRODUÇÃO DE PARÓDIAS: UMA PROPOSTA PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

BANCA EXAMINADORA

Dra. Vera Regina Martins e Silva (UNEMAT)

Dra. Maristela Cury Sarian (UNEMAT)

Dra. Renata Chrystina Bianchi de Barros (UNIVÁS)

Dedico este trabalho aos meus pais. Tudo o que sou, devo a eles.

AGRADECIMENTOS

À Deus pelo dom da vida e por sempre estar comigo dando-me forças quando estas pareciam já ter chegado ao fim.

À minha orientadora, Prof^a. Dr^a Vera Regina pelo companheirismo, pela paciência, pelas leituras indicadas que me fizeram crescer e aprofundar nos conceitos da Análise de Discurso e mais, ver esses mesmos conceitos funcionando na prática da sala de aula e ressignificando o trabalho com a leitura e a escrita.

A todos os professores do Mestrado Profissional em Letras – Profletras/Cáceres pelo brilhantismo com que nos fizeram ver a necessidade de uma prática que aponta para novos percursos no ensino de Língua Portuguesa.

À Clarice Martinha das Chagas, diretora da Escola Estadual Professora Vasti Pereira da Conceição, pelo incentivo no trajeto deste trabalho.

Aos alunos do 8º ano B por tornarem possível a realização do projeto de intervenção e pelos resultados positivos que mostraram como resposta em relação à escrita e à leitura.

Aos meus pais Manoel e Maria pelo apoio diário, pelo carinho a mim concedido, pelas palavras de incentivo e coragem para prosseguir nesta árdua caminhada como professora e educadora. Sempre que precisei, tive deles o colo caloroso que é o combustível que me move a fazer o impossível.

Às minhas irmãs-amigas Gisely e Michele pelas conversas sem fim e pela amizade nesses longos anos de convivência.

Aos colegas de Mestrado, em especial ao Cleiton, que sempre apoiou toda a turma com indicações de leituras, esclarecendo sobre as dúvidas "previstas e imprevistas" que surgiram ao longo da escrita.

À Coordenação e à Secretaria do PROFLETRAS pela assistência nesses dois anos de caminhada.

À CAPES pela bolsa concedida.

Tu te tornas eternamente responsável por aquilo que cativas. Antoine de Saint-Exupéry

RESUMO

Este trabalho descreve a elaboração, o desenvolvimento e o produto final de um projeto de intervenção de Língua Portuguesa, realizado em uma escola pública estadual, com os alunos dos anos finais do Ensino Fundamental - 8º ano. O projeto desenvolvido se fundamenta teoricamente na Análise de Discurso e objetivou trabalhar leitura e escrita com paródias de músicas, tendo a duração de quatro meses. Este tema surgiu como uma alternativa motivadora, pois os alunos, hoje, em plena era digital, estão em constante contato com as tecnologias, que incluem vídeos de clipes de músicas, filmes, slides e outras. Vivemos em um mundo onde os sons e imagens vêm acompanhadas de notícias globais que se atualizam a cada segundo, tornando-o dinâmico em todos os aspectos. A interpretação está presente em todas as formas de linguagem, nas várias materialidades linguísticas, pois diante de qualquer objeto simbólico o homem é levado a interpretar. A paródia de música, tema central do projeto, foi trabalhada colocando em relação a linguagem verbal e não verbal, através das diversas materialidades significantes: manuscrita, impressa, eletrônica, em áudio e em vídeo. Promover um deslocamento nas práticas pedagógicas de leitura e escrita significa realizar atividades que permitam ao aluno se sentir desafiado/autorizado a exercer a função-autor. O trabalho está dividido em três capítulos, sendo o primeiro destinado a apresentar o perfil da escola pública no estado de Mato Grosso e, em particular, da escola Vasti Pereira da Conceição, onde se realizou o projeto de intervenção. O capítulo II apresenta o planejamento das atividades desenvolvidas no projeto, faz uma reflexão sobre os problemas de leitura e escrita no Ensino Fundamental II e traz uma análise da Paródia nos livros didáticos. O capítulo III descreve o processo de execução do projeto, mobilizando as noções de condições de produção, interdiscurso, memória discursiva, interpretação e autoria. Fala ainda sobre os avanços na leitura e escrita que implicaram em uma reflexão e prática sobre as mudanças na forma de ensino na escola, o que deve ser ensinado e como a escola pode e deve aliar esse ensino às tecnologias.

Palavras-chave: Paródia. Sentido. Interpretação. Paráfrase. Polissemia.

ABSTRACT

This paper describes the design, development and the final product of a Portuguese intervention project, carried out in a public school, with students of the final years of elementary school - 8 year. The project developed is based on the theory Discourse Analysis and aimed to work reading and writing with music parodies, with a duration of four months. This theme has emerged as a motivating alternative because students today in the digital age, are in constant contact with the technologies, which include music videos clips, films, slides and others. We live in a world where sounds and images are accompanied by global news are updated every second, making it dynamic in every way. The interpretation is present in all forms of language in the various language materialities because before any symbolic object man is brought to interpret. The music parody, central theme design was crafted by placing in relation to verbal and non-verbal language, through the various significant materialities: handwritten, printed, electronic, audio and video. Promote a shift in pedagogical practices of reading and writing means performing activities that allow students feel challenged / authorized to perform the function-author. The work is divided into three chapters, the first aimed to present the profile of the public school in the state of Mato Grosso and in particular the school Vashti Pereira da Conceição, where he held the intervention project. Chapter II presents the planning of activities in the project, is a reflection on the reading and writing problems in Primary Education II and brings a parody of the analysis in textbooks. Chapter III describes the project implementation process, mobilizing the notions of production conditions, interdiscourse, discursive memory, interpretation and authorship. Talks still on progress in reading and writing which resulted in a reflection and practice on the changes in education in school, what should be taught and how the school can and must combine this teaching to technology.

Key words: Parody. Sense. Interpretation. Paraphrase. Polysemy.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Atividades sobre Paródia no Livro Didático	31
Figura 2 – Atividades sobre Paródia no Livro Didático	32
Figura 3 – Conceito de Paródia no Livro Didático	34
Figura 4 – Atividade sobre Paródia no Livro Didático – Telas	35
Figura 5 – Atividade sobre Paródia no Livro Didático	36
Figura 6 – Festival de Paródias – Proposta do Livro Didático	37
Figura 7 – Paródia em charge com tema político trabalhada coletivamente	51
Figura 8 – 1ª Paródia em charge com tema político	52
Figura 9 – 2ª Paródia em charge com tema político	54
Figura 10 – 3 ^a Paródia em charge com tema político	55
Figura 11 – Filme Growing	57
Figura 12 – Filme Requília	58
Figura 13 – Filme Galus Galus	60
Figura 14 – Filme Meu amigo Nietzsche	61
Figura 15 – Filme Sanã	63
Figura 16 – Filme Quilombo da Família Silva	65
Figura 17 – Folder da Exposição de Artes Plásticas "Voos Yamanicos" Ruth Albernaaz	67

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

IDEB – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica

OC – Orientações Curriculares

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

PPP – Projeto Político Pedagógico

SEDUC – Secretaria de Estado de Educação

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 A ESCOLA E A SUA HISTORICIDADE	16
1.1 Localização e referência	16
1.2 A administração da escola e o autoritarismo	17
1.3 A concepção de ensino no Projeto Político Pedagógico	19
1.4 O ensino da Língua Portuguesa no século XXI	21
1.5 As condições de produção e o 8° ano B	23
2 A ORGANIZAÇÃO DAS ATIVIDADES DO PROJETO: RESSIGNIFICANDO "COMO" ENSINAR	
2.1 Os problemas de leitura e escrita no Ensino Fundamental	27
2.2 A paródia nos livros didáticos	30
2.3 Planejamento das atividades do Projeto de Intervenção	38
3 A ANÁLISE DE DISCURSO E O FUNCIONAMENTO DA LINGUAGEM: ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NO PROJETO	
3.1 A execução do projeto - Atividades desenvolvidas em consonância com os projescolares	_
3.2 A paródia em charges com temas políticos - paráfrase e polissemia	50
3.3 Visita ao SESC ARSENAL: o contato com as várias materialidades linguísticas	56
3.4 Paródias de música e autoria	68
CONSIDERAÇÕES FINAIS	76
REFERÊNCIAS	80
ANEXOS	85

INTRODUÇÃO

A leitura sempre foi algo que me fascinou desde os primeiros anos de vida. Meus pais sempre se preocuparam em ofertar a mim e às minhas irmãs o maior tesouro que o homem pode ter - o conhecimento. Entre as minhas bonecas e ursos de pelúcia, lembro-me que havia os livros. Mesmo não estando em idade escolar, já os folheava fazendo significar cada figura encontrada naquelas páginas.

A primeira coleção de livros que ganhei dos meus pais chamava-se *Reino colorido da criança*, da Editora Formar. Vinha acompanhada de discos compactos de vinil que traziam a narração das histórias. Quantas vezes eu importunava minha mãe pedindo para que os colocasse no toca-discos. E não me cansava de ouvi-los, querendo que a história sempre fosse repetida.

Quando fui à escola, ampliei o contato com o mundo das letras. Quanta pressa eu tinha para chegar logo em casa após as aulas, a fim de mostrar meu caderno aos meus pais para que vissem que eu já sabia escrever. As escolas na década de 80 eram tradicionais e as aulas eram ministradas de forma repetitiva. A professora fazia uso de uma régua, apontando paras as palavras escritas no quadro, para que fôssemos juntando as sílabas e lendo. Uma leitura que consistia somente em decodificar, formar frases sem nexo como *Ivo viu a uva* ou *O boi baba*.

Na 4º série do Ensino Fundamental, recordo-me que tinha o hábito de ler e reler os textos do livro didático, chegando até a decorar alguns. Aqueles livros traziam questões ditas de "compreensão e interpretação", que nada ou muito pouco abriam espaço para que os sentidos circulassem.

Hoje, professora de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental, vivencio os problemas relacionados à leitura e à escrita em nossas escolas. Encontramos em plena era digital, professores alfabetizadores que ainda trabalham a leitura a partir da codificação/decodificação, fazendo uso de atividades que muito se assemelham às das antigas cartilhas, muito distantes daquilo que os alunos experienciam. Esse pode ser um dos motivos de encontrarmos nas salas do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, grande parte dos alunos desmotivados, com baixo desempenho, afirmando que não gostam das aulas de Língua Portuguesa.

São essas as questões que serão abordadas neste trabalho. Sua trajetória se compõe pela elaboração, desenvolvimento e resultados de um Projeto de Intervenção, que nasceu de uma inquietação vivenciada por mim nas aulas de Língua Portuguesa. Já há quinze anos

leciono, tendo acompanhado as mudanças das políticas educacionais ocorridas na rede estadual e posso dizer que as dificuldades na leitura e na escrita alcançam proporções cada vez maiores.

O Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS propõe que seja realizado com alunos do Ensino Fundamental um projeto de intervenção, o que me remeteu de imediato às condições como leitura e escrita vêm sendo trabalhadas na escola. As produções textuais feitas pelos alunos da escola em que leciono, dificilmente são postadas ou publicadas em meios de circulação. Os textos são corrigidos, devolvidos aos alunos e ali desaparecem. Não há um objetivo, um "por que" e "para quem" escrever, a produção torna-se um simples pretexto para a avaliação. Decidi, então, tentar ressignificar esse processo tão fundamental para a vida escolar.

Este trabalho se fundamenta teoricamente na Análise de Discurso que "trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso. [...] O discurso é assim a palavra em movimento, prática de linguagem." (ORLANDI, 2000, p. 15). É preciso então compreender como uma materialidade simbólica produz sentidos, partindo da noção de discurso segundo Pêcheux (1969) apud Orlandi (2010) "efeito de sentido entre interlocutores." Os sentidos não são evidentes e não se fecham, daí a incompletude da língua e do "dizer que não tem um começo verificável: o sentido está sempre em curso." (ORLANDI, 2012, p. 11) Os conceitos mobilizados no decorrer do trabalho foram "Paráfrase e a Polissemia, Interdiscurso e Memória Discursiva e Condições de Produção e Autoria"

A proposta de trabalhar com a leitura e produção de paródias possibilitou aos alunos o exercício da autoria ao reescrever o texto, retornando ao mesmo espaço dizível. Sobre a paráfrase, Orlandi (2000, p. 36) afirma que "os processos parafrásticos são aqueles pelos quais em todo dizer há sempre algo que se mantém, isto é, o dizível, a memória." A partir desse retorno, houve o deslocamento que conferiu ao texto um novo sentido - a polissemia. "Na polissemia, o que temos é o deslocamento, ruptura de processos se significação." (ORLANDI, 2000, p. 36).

O tempo de execução do projeto foi de quatro meses e envolveu atividades de pesquisas no laboratório de informática, filmes, músicas, debates, visita à exposição de artes plásticas, contato com diversas materialidades simbólicas, que serviram de suporte para a produção final. O trabalho está dividido em três capítulos e relata todo o processo, desde a elaboração do projeto, sua execução e apresentação no evento "Festival de Paródias".

O capítulo I historiciza a escola, de sua fundação até os dias de hoje. A Escola Estadual Professora Vasti Pereira da Conceição é conhecida na comunidade escolar pelo

nome que tinha quando era conveniada – Tenente Alacyr de Lannes. Esse nome ainda marca a história da escola no bairro de tal forma, que a comunidade não consegue associá-la ao nome que recebeu após a sua estadualização.

O autoritarismo que na década de 70 era constitutivo das escolas em geral, ainda é visto pelos pais, hoje, como a solução para os problemas de indisciplina que atingem principalmente as escolas públicas de bairros periféricos. Nas reuniões de pais e mestres há muitos pais que delegam o ato de "punir e castigar", à escola. Quando lhes é falado sobre a indisciplina de seus filhos, dizem que a escola pode agir com autoridade como "deixar de castigo" ou "passar bastante tarefa". Sabemos, porém, que não são essas ações punitivas a solução para esse e para os demais problemas encontrados hoje na escola.

As mudanças metodológicas apontam que já não cabe mais o mesmo modelo de educação utilizado em décadas anteriores e que naquele tempo pareciam funcionar. O ato de ensinar a língua hoje, pressupõe enquanto professores, sermos protagonistas de transformações, caminhando junto com as informações e a tecnologia, tendo acesso às mídias virtuais e às várias materialidades linguísticas (linguagem verbal e não verbal). Segundo Orlandi (1988, p. 38), "a relação do aluno com o universo simbólico não se dá apenas por uma via - a verbal -, ele opera com todas as formas de linguagem na sua relação com o mundo."

A concepção de ensino da escola, que consta no PPP (Projeto Político Pedagógico) fala da metodologia, da avaliação e dos projetos escolares descrevendo também o perfil socioeconômico da comunidade escolar do bairro em que a escola está inserida.

Embora conste no PPP da escola uma metodologia inovadora, modos de avaliação diversificados e o ensino através de projetos, o modo como a escola tem trabalhado com a língua, pauta-se ainda nas questões gramaticais. O texto serve apenas como pretexto para o ensino da gramática, uma vez que os livros didáticos trazem "interpretações" nas quais cabe ao aluno reproduzir o que o autor diz supondo-se que "o livro didático contenha uma verdade sacramentada a ser transmitida e compartilhada" (SOUZA 1999, p.27). Os livros didáticos contêm textos e atividades possíveis de serem trabalhados com os alunos, desde que não seja utilizado como o único recurso didático.

O capítulo II descreve o processo de organização do projeto de intervenção e o cronograma das atividades realizadas. Mostra de que maneira e com que finalidade cada tema estudado fez parte do projeto. O capítulo inicia com uma reflexão sobre os problemas de leitura e escrita dos alunos do Ensino Fundamental, o que resulta em uma aprendizagem significativa, não está no **QUÊ** se deve ensinar, mas em **COMO** se deve ensinar. Hoje não cabe mais um trabalho "engessado" pautado somente nos livros didáticos, lousa e giz. Não há

como dissociar as tecnologias da sala de aula. O capítulo traz também uma análise da forma como os livros didáticos abordam a paródia e quais atividades dele foram elencadas no cronograma do projeto. Mesmo apresentando a paródia uma forma concisa e com sentidos cristalizados, foi possível a partir desses sentidos, deslocá-los a fim de que se movimentassem irrompendo em outros novos. Ressignificar as práticas de leitura e escrita a partir da Análise de Discurso é "compreender a língua fazendo sentido" (ORLANDI, 2000, p.15).

O capítulo III descreve a execução do projeto, o *como s*e realizou o trabalho com paródias, as atividades feitas em classe e fora da escola, tanto as desenvolvidas em consonância com os projetos escolares - Projeto Meio Ambiente e Alimentação Saudável - quanto aquelas que surgiram no seu percurso. Iniciar o projeto de intervenção com atividades que envolvessem as temáticas dos projetos escolares, foi para aproveitar e reforçar o que já era trabalhado no contexto escolar, bem como as que são destaque na mídia, como, por exemplo, as eleições, visto ter sido o projeto desenvolvido nos meses em que ocorreram as eleições de 2014. As charges em paródias com temas políticos que veicularam nas redes sociais durante o processo eleitoral de 2014 estão descritas e analisadas, considerando-se os efeitos de sentido que provocaram nos alunos.

As atividades extraclasses, como a visita ao SESC ARSENAL, onde os alunos tiveram contato com filmes, com exposições de obras de arte, com a biblioteca, com os jogos, com o lúdico, enfim com toda essa materialidade simbólica, encontram-se também descritas e analisadas discursivamente. Os conceitos de paráfrase e polissemia, de interdiscurso e de memória discursiva, de autoria e interpretação foram mobilizados com a prática nas atividades do projeto. A produção das paródias de músicas, com base nos temas trabalhados nas pesquisas e atividades realizadas na visita ao SESC ARSENAL, constituiu o produto final do projeto. O evento Festival de Paródias onde os alunos apresentaram à comunidade escolar suas produções é aqui descrito, bem como tudo que permeou esse acontecimento envolvendo o antes, o durante e o depois. O capítulo ainda apresenta a forma de circulação da produção dos alunos que foi feita na rede social - Facebook, tendo um grande número de acesso dos próprios alunos e também de outras pessoas que, mesmo não estando ligadas à escola, puderam conhecer um pouco sobre o trabalho da escrita e leitura através das paródias. O enfoque do trabalho não foi na música como uma conceituação de "gêneros", ou na gramática solta e a-histórica, mas considerou a dinamicidade, a incompletude e a não transparência da língua. Através das atividades com a linguagem sob o viés discursivo, foi possível os alunos compreenderem o funcionamento da língua na circulação dos sentidos.

Através dessa relação com o universo simbólico, os alunos produziram as paródias utilizando "sua experiência discursiva, que inclui sua relação com todas as formas de linguagem." (ORLANDI, 1988, p. 38). Orlandi, (1988, p. 38) também afirma que "A escola, enquanto lugar de reflexão, é um lugar fundamental para a elaboração dessa experiência, a autoria, na relação com a linguagem."

1 A ESCOLA E SUA HISTORICIDADE

1.1 Localização e referência

A Escola Estadual Vasti Pereira da Conceição está situada na Rua Cáceres, s/nº, Bairro Mapim, no município de Várzea Grande. Criada através do Decreto Governamental nº 2.307 de 03 de junho de 1998, publicado no Diário Oficial de Mato Grosso, é uma Instituição da Fundação Júlio Müller, que pertence à Maçonaria, sendo mantida pela Secretaria Estadual de Educação.

A patrona da escola, professora Vasti Pereira da Conceição, nasceu em Várzea Grande no dia 24 de junho de 1949, concluiu o curso de magistério na Escola Estadual Darwin Monteiro da Silva, na cidade de Várzea Grande, cursando depois Pedagogia, licenciatura plena pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Jales. Iniciou sua carreira na educação no ano de 1976, prestando serviço em várias escolas, dentre elas a Escola Tenente Alacyr de Lannes, onde trabalhou por 14 anos até o seu falecimento, em 08 de março de 1994, quando ocupava o cargo de diretora. Quatro anos após a morte da professora, a escola que era conveniada, passou a ser estadual e recebeu o nome de Escola Estadual Professora Vasti Pereira da Conceição.

A escola atende, na sua maioria, alunos oriundos dos bairros Mapim, Cohab Cabo Michel, Jardim dos Estados e Jardim Imperial. São considerados bairros de baixa renda, sendo a falta de qualificação profissional um dos fatores determinantes, pois o mercado informal nem sempre oferece as condições necessárias para o sustento digno de uma família. Os filhos trabalham para ajudar a sustentar a casa, enfrentando desde cedo as responsabilidades da vida. Dentre as profissões exercidas pela comunidade escolar, destacam-se as de marceneiro, serralheiro, eletricista, trabalhador da construção civil e atividades agrícolas.

O bairro em que a escola está situada e os bairros no entorno da escola têm grande parte das ruas asfaltadas e água encanada, apesar da condição de vida ainda ser de periferia. Quando nos referimos à expressão "condições de vida de periferia", ressaltamos a falta de infraestrutura do bairro que propicia o surgimento de doenças, devido à falta de higiene, as moradias precárias, enfim, um lugar onde os recursos da prefeitura demoram a chegar. Todos esses problemas resultam num acentuado índice de violência, sendo comum os moradores já terem presenciado ou até mesmo já terem sido vítimas de algum tipo de violência.

O prédio em que funciona a escola Vasti Pereira é alugado, precisa de muitas melhorias na infraestrutura como salas climatizadas, reforma no telhado, um espaço para a

biblioteca, refeitório, quadra coberta, banheiros, dentre outros. A escola conta hoje com 10 salas de aula, 1 sala de informática, 1 sala da direção e coordenação, 1 cozinha, 1 almoxarifado, 1 sala dos professores, 2 banheiros e 1 quadra. Atualmente, a escola oferece do 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental, nos turnos matutino e vespertino, atendendo 600 alunos. O quadro de professores é constituído por 30 professores, sendo 10 pedagogos e 20 professores de áreas.

1.2 A administração da escola e o autoritarismo

A escola é administrada pela equipe gestora constituída pelo Diretor, Coordenador Pedagógico e Secretário Escolar em consonância com as deliberações do Conselho Consultivo e Deliberativo Escolar, respeitando as disposições legais e acordo firmado junto à Fundação Júlio Müller, que aluga o prédio onde funciona a Instituição Escolar.

Os antigos alunos da escola, que hoje são os avós e pais dos alunos atuais, relatam que as vagas no tempo da Escola Tenente Alacyr de Lannes eram muito disputadas. Haviam pais que dormiam na porta da escola para garantir que seus filhos estudassem na "melhor escola da região."

O discurso que circula é de que o ensino "era de qualidade", pois a disciplina era rígida. O diretor, indicado pela Maçonaria, fazia o papel de assegurar que houvesse rigidez no comando da escola. "O ensino era tradicional e conteudista, e o aluno aprendia", afirmam ainda hoje, os pais que se formaram na escola. Nas reuniões de Pais e Mestres, no diálogo com os pais, é possível ouvi-los dizer que hoje a "escola perdeu a autoridade e que os alunos fazem o que querem" e é por isso que não aprendem. Essa autoridade a que os pais se referem, é constitutiva do Discurso Pedagógico. O Discurso Pedagógico é assim definido por Orlandi (2003, p. 28)

O que é, então, o Discurso Pedagógico? Eu o tenho definido como um discurso circular, isto é, um dizer institucionalizado, sobre as coisas, que se garante, garantindo a instituição a instituição em que se origina e para a qual tende: a escola. O fato de estar vinculado à escola, a uma instituição, portanto, faz do Discurso Pedagógico aquilo que ele é, e o mostra (revela) em sua função.

Os sentidos produzidos pelo discurso dos pais remetem a um "enquadramento", um "recorte". Para eles, se a escola atual pudesse ser "encaixada" nos moldes da que eles estudaram, mais precisamente na década de 1970, seria uma escola de qualidade, sem atentarse ao fato de que vivemos um outro momento, uma outra conjuntura, com realidades bem

distintas. Di Renzo (2012, p.58), sobre isso, afirma que "é interessante pensar sobre o imaginário de escola que funcionava naquela época: escola como progresso, lugar de disciplinar o homem, lugar de formação de valores como verdade e fidelidade à pátria."

Um fato interessante é que mesmo depois da escola ter se tornado estadual e passado a se chamar Professora Vasti Pereira da Conceição, em 1998, até hoje é conhecida na comunidade pelo nome antigo – Tenente Alacyr de Lannes. A referência do nome da escola antiga no bairro Mapim ainda é forte, pois ainda se atribui o valor da antiga escola, ao prédio onde ela funcionava. É como se para a comunidade escolar, o nome estivesse ligado ao prédio, não havendo como alterar isso. O fato da comunidade referir-se à escola utilizando o nome antigo, remete ao "dito e ao não dito" na Análise de Discurso. Orlandi (2000, p. 82) afirma que "ao longo do dizer, há toda uma margem de não-ditos que também significam. Se analisarmos a força do nome "Tenente Alacyr de Lannes" na década de 70, no auge da ditadura militar, veremos que está sustentado pelo sistema rígido que conduzia a escola. Isso constitui o implícito no nome antigo da escola. É o não-dito significando.

Já na vigência da gestão democrática, a escola teve por muitas vezes, gestores que não conheciam nada ou muito pouco sobre sua realidade, pois eram indicados para exercerem o cargo, chegando muitas vezes a propor projetos e metodologias não condizentes com as reais necessidades da escola. No biênio 2006/2007, a escola já deveria ter promovido o processo eleitoral para o biênio seguinte, porém mesmo após a determinação da Secretaria de Educação, houve relutância para realizar a eleição. O gestor foi então, designado pela Assessoria Pedagógica de Várzea Grande, ficando no biênio 2008/2009. Findo esse mandato, só então a escola passou a realizar o processo eleitoral, tendo já para 2010/2011, o gestor eleito pela comunidade escolar.

O discurso autoritário fortalecido pelo autoritarismo que silenciou a voz da escola e da comunidade escolar privando-a do direito na escolha do diretor escolar, tornou-se naquele tempo a voz absoluta e soberana no ambiente escolar. Esse autoritarismo refletia o discurso institucional (da Maçonaria) à qual a escola estava submetida por não ter um prédio próprio. Segundo Orlandi (2003, p. 32),

O autoritarismo está incorporado nas relações sociais. Está na escola, está no seu discurso. Pois bem, uma forma de interferir no caráter autoritário do Discurso Pedagógico é questionar os seus implícitos, o seu caráter informativo, sua 'unidade' e atingir seus efeitos de sentido. Com os implícitos, o discurso coloca algumas 'informações', informações que aparecem como dadas, predeterminadas, e não deixa espaço para que se situe a articulação existente entre o discurso e o seu contexto mais amplo.

Entretanto este fato não poderia/deveria constituir pretexto para que a democracia deixasse de ser exercida no ambiente escolar, uma vez que a escola é mantida pelo Estado de Mato Grosso. Circulava na escola, naquele tempo, o discurso que mesmo sem nenhuma explicação tentava convencer a todos de que "era assim que deveria ser feito", apenas porque " era conveniente ou obrigatório", não cabendo a ninguém questionar.

O processo democrático da eleição sofreu anos de apagamento, mesmo após a Lei de Gestão Democrática, nº 7.040, de 1º de outubro de 1998, publicada no Diário Oficial da mesma data, que em seu artigo 4º diz "Os diretores das escolas públicas estaduais e da rede que compõe a Gestão Única deverão ser indicados pela comunidade escolar de cada unidade de ensino, mediante votação direta". Desde o biênio 2010/2011, a escola realiza o processo eleitoral com transparência e democracia, tendo como gestor, a pessoa eleita pela comunidade escolar que compreende os pais, alunos, professores e funcionários da Unidade Escolar.

Ao diretor compete executar as determinações emanadas da Secretaria Estadual de Educação e da legislação vigente, administrando a Unidade Escolar; ao coordenador pedagógico, assessorar a direção da escola estando à frente na determinação da linha geral de ações da escola; ao secretário cabe coordenar e executar conjuntamente com os agentes administrativos, todas as atividades administrativas.

1.3 A concepção de ensino no Projeto Político Pedagógico da escola

A concepção de ensino presente no Projeto Político Pedagógico pauta-se na "compreensão da educação como um processo de informação a serviço da formação voltada para a transformação da pessoa humana. Esta concepção extrapola o ambiente acadêmico: começa e acaba além da escola e tem como referência sempre o ser humano enquanto criador de uma cultura e construtor de conhecimentos." (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO - PPP 2004, p. 27)

Por acreditar que a aprendizagem se dá através de várias correntes metodológicas, a escola "prefere trabalhar adequando a necessidade e a realidade dos alunos, extraindo delas o que têm de melhor e o que é possível aplicar na prática de cada corrente pedagógica." (PPP 2004, p.32). Através da leitura do PPP, pode-se constatar que quando se refere as "correntes metodológicas", quer na verdade se referir às correntes teóricas da educação, que segundo Scheibel (2006, p.36) envolvem as "características do pensamento pedagógico sobre a contextualização dos ambientes educativos de onde emergem a compreensão de homem, mundo e sociedade." As correntes teóricas como a Tradicional, Progressivista, Libertadora e

outras não têm a sua concepção baseada somente no método; elas envolvem em sua abordagem as formas de se conceber o fenômeno educativo. O Dicionário Didático de Língua Portuguesa (2011, p. 553) traz a definição de metodologia como "conjunto dos métodos seguidos em uma disciplina ou em uma atividade." Essa troca de vocábulos contida no PPP, revela uma incoerência em relação aos sentidos do que nele é proposto, uma enorme lacuna entre a teoria e a prática.

A metodologia da escola está baseada na concepção de ensino como processo de construção "onde o aluno é o condutor do seu próprio conhecimento e onde o conhecimento a ser trabalhado deverá partir do conhecimento que o aluno traz para a escola a fim de se chegar aos conhecimentos escolares científicos." (PPP, 2004, p. 72). Mais uma vez, o PPP traz a palavra "metodologia" de forma equivocada e restrita. Quando diz que a escola é "livre" para fazer as adequações de acordo com as necessidades dos alunos, podemos questionar essa afirmação, pois sabemos que existe uma estrutura regida por um estatuto maior que condiciona esse processo de organização da escola. Os cursos de formação continuada oferecidos pelo governo têm como objetivo "direcionar" o trabalho do professor. Podemos citar, por exemplo, o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), curso ofertado aos professores do primeiro ciclo do Ensino Fundamental, do 1º ao 3º ano. Os professores trabalham com sequências didáticas já formuladas pelos organizadores do curso, devendo apresentar resultados positivos ao final do processo – alunos alfabetizados até os 08 anos de idade. Fica-se então, no limite entre o que é permitido e o que é possível.

Consta no PPP que uma das estratégias usadas pela escola é o trabalho com projetos, o que "elimina" a pura transmissão de conhecimentos. Sabemos, porém, que a forma de ensino na maioria das nossas escolas ainda é conteudista, isto é, centra-se no professor que é considerado "um transmissor de conhecimento". Nesse caso, a qualidade do ensino é mensurada pela quantidade de informações absorvidas pelo aluno. Os professores utilizam o livro didático como um dos únicos suportes para o ensino, visando "transmitir todos os conteúdos do livro até o final do ano letivo."

O trabalho com passeios e aulas de campo também é uma proposta da escola, pois "acredita-se que é mais fácil compreender determinado conteúdo quando o mesmo faz parte do meio. O aluno busca relações para aprender e só quando sai da teoria e consegue contextualizar, é que estabelece ligação com a vida." (PPP, 2004, p. 34) De acordo com o PPP, a construção do conhecimento não é um fato isolado, ninguém avança sozinho em sua aprendizagem, pois enfatiza que é essencial a cooperação entre professor e aluno para o

crescimento de ambos. Caminha no sentido de desenvolver as múltiplas inteligências, embasados na teoria de Gardner.

Os instrumentos e técnicas de avaliação utilizados na escola (que constam no PPP) visam envolver o próprio aluno no processo avaliativo, acompanhando passo a passo o desempenho e crescimento de cada aluno. São eles: Caderno de Campo, Interação na sala de aula, Grau de autonomia e responsabilidade, Atitudes diante do diálogo, Resolução de conflitos, Conteúdos e conceitos aprendidos, Autoavaliação, Mapa conceitual, Portfólio ou Pasta avaliativa, Projetos, Discussão coletiva, Conselho de classe, Provas objetivas e dissertativas, Pesquisa e Relatório. Após as avaliações, a escola realiza a "recuperação" dos alunos que não obtiveram nota para aprovação, visando integrá-los ao processo ensino-aprendizagem.

Podemos observar a contradição no próprio texto do PPP, pois ao mesmo tempo em que visa "eliminar a pura transmissão de conteúdos", na fase de recuperação, "tem por objetivo oferecer um atendimento específico aos alunos nos conteúdos em que estes apresentem dificuldades de aprendizagem". Ou seja, o próprio texto deixa visível que somente o domínio de conteúdos é relevante no processo de avaliação. E isso se materializa na forma como se processa a recuperação, uma vez que é a nota que define sua realização.

Cabe então refletirmos sobre os efeitos de sentido que produzem as contradições que se fazem presentes nos documentos que norteiam o trabalho pedagógico, estando sempre cientes de que tais documentos refletem a política de estado.

1.4 O ensino da Língua Portuguesa no século XXI

O aluno que encontramos hoje em nossas escolas, mais especificamente na escola pública, é um novo aluno com realidades que exigem um outro posicionamento da escola.

Na era digital é impossível dissociar a tecnologia da sala de aula, uma vez que os alunos têm novos meios de interação com a linguagem. É preciso que a escola a veja como uma grande aliada, repensando as práticas pedagógicas.

Os alunos, hoje, vão para a escola portando aparelhos celulares de última geração, embora sejam "imitações", adquiridos em camelôs, como é o caso dos nossos alunos. É com muita facilidade que manuseiam os aparelhos, instalam aplicativos - *apps*, baixando músicas, vídeos, programas e imagens. E isso tem sido um dos grandes problemas entre professores e alunos: o uso do celular durante as aulas. Percebe-se então a necessidade do contato do trabalho da escola com a tecnologia, pois a grande variedade textual que circula entre os

jovens é de imagens, sons e símbolos. Tudo é muito colorido e passa com enorme velocidade diante dos nossos olhos. É possível a todo minuto visualizarmos mensagens e notícias em "tempo real" na internet.

Em contrapartida, a escola ainda apresenta ao aluno um material de trabalho muito restrito que não vai muito além da lousa e do giz. Quatro horas de permanência para os alunos, na escola, têm sido torturantes para eles. Mas há que se pensar, pois nos dias em que a escola promove as Olimpíadas ou atividades diferenciadas como oficinas, esses mesmos alunos que reclamam das aulas, se recusam a ir embora ao final das quatro horas.

Percebe-se, então, que não é da escola que não gostam e sim das aulas rotineiras e cansativas, dos recursos didáticos dissociados da tecnologia a que eles têm acesso quase que o dia todo. As cópias exaustivas e questionários imensos já não funcionam e nem cabem mais na escola hoje.

À medida que os alunos interagem pelo computador ou celular conectados à internet, mais eles reproduzem a linguagem utilizada nas redes sociais virtuais, no ambiente escolar. "Tamanha é a inserção do computador nas práticas sociais que se torna possível afirmar que ele já é constitutivo da nova identidade humana." (CAIADO, 2009, p. 35). Os adolescentes internautas escrevem nas redes sociais e nos *chats* constantemente, porém quando são solicitados a escreverem na escola, se recusam. Eles não têm medo de escrever e se expressar nas redes sociais, mas na escola sim. Segundo Rojo (2012, p. 37),

A presença das tecnologias digitais em nossa cultura contemporânea cria novas possibilidades de expressão e comunicação. Casa vez mais, elas fazem parte do nosso cotidiano e, assim como a tecnologia da escrita, também devem ser adquiridas. Além disso, as tecnologias digitais estão introduzindo novos modos de comunicação, como a criação e o uso de imagens, de som, de animação e a combinação dessas modalidades.

É possível constatar a resistência de certos professores ao uso das tecnologias na escola. Ela acaba sendo concebida por muitos como a "culpada" pelas dificuldades ortográficas na escrita dos alunos. É bem verdade que a escrita da internet, já batizada por muitos como *internetês* vai de encontro ao que é proposto pela norma culta exigida na escola. Daí a preocupação da escola, dos professores e dos pais.

Observamos que nas redes sociais os adolescentes abreviam, reduzem, simplificam. As vogais e as consoantes são alongadas, há ausência de acentuação e a pontuação é irregular. "Essa renúncia deliberada às convenções ortográficas da Língua Portuguesa acontece porque

o adolescente já é capaz de redescrever seus conhecimentos ortográficos." (CAIADO, 2009, p. 38).

Sabemos que somente o estudo no livro didático não é suficiente para a realização do trabalho com as tecnologias. Há que se aliar esse estudo à prática a fim de que o aluno possa lidar na escola, com os textos na internet. Conforme Rojo (2012, p. 40)

As possibilidades de ensino são multiplicadas se utilizarmos ferramentas digitais. É possível formar redes descentralizadas para incentivar a interação; trabalhar com imagens (fator que modifica o conceito de comunicação); navegar por textos da web; utilizar animação para simplificar atividades complicadas e propiciar aos estudantes o sentimento de serem autores de seus trabalhos, uma vez que tudo pode ser publicado e exibido na internet.

O livro didático pode e deve ser utilizado como um suporte para o trabalho pedagógico e a partir dele, o professor fazer a ponte entre a mídia impressa e as tecnologias digitais, refletindo sobre o que deve mudar na forma de trabalhar a leitura e a produção de textos na escola, uma vez que o nosso público-alvo se apropria cada dia mais dessa cultura digital. Mostrar aos alunos o que seria a adequação da linguagem aos meios nos quais ela circula é o papel da escola. A escola que, até então, entende e estuda a língua como fenômeno estático, deve se abrir para toda essa diversidade que compõe o espaço simbólico.

Para isso, necessitamos apresentar aos aprendizes todas as linguagens possíveis e existentes, e não escondê-las aos seus olhos, porque são "erradas" (para alguns). Essas linguagens propiciam movimento e reciprocidade-interação, a palavra-chave deste milênio e dos próximos." (CAIADO, 2009, p. 46)

Portanto, deve-se trabalhar as variantes da língua e o seu uso, dependendo das condições de produção e circulação do discurso produzido pelos alunos.

1.5 As condições de produção e o 8º ano B

A tecnologia, hoje, é um instrumento facilitador e estimulador da leitura, pois cada vez mais os alunos têm acesso a ela. Este projeto de intervenção procurou trabalhar leitura e escrita aliadas à tecnologia, com uma turma de 8º ano, o que nos exigiu refletir fortemente sobre as condições de produção para sua realização. Para tanto, somos convocados a pensar sobre a educação que queremos e a educação que vivenciamos em nossas escolas.

Leal (2009, p. 52) fala sobre a importância da reflexão sobre a ação pedagógica, afirmando que "[...] a mesmice não se torna cansativa apenas para o aluno, mas também para

o professor, que sente seu rendimento cair ao repetir por diversas vezes um mesmo conteúdo sem modificar uma palavra no seu discurso." A expressão "repetir conteúdos" restringe a forma de ensinar a uma mera transmissão de conteúdos como se no gesto de ensinar o professor também não aprendesse.

Em pleno século XXI, não é difícil encontrarmos professores que ainda têm essa concepção de ensino. Sentem-se desafiados e ameaçados pelas tecnologias, temendo o novo. Providências têm que ser tomadas para que efetivamente esse professor saia dessa apatia e passe a ressignificar a sua prática pedagógica. Perrenoud, (1999, p. 13) afirma que o professor deve refletir sobre " sua própria relação com o saber, com as pessoas, o poder, as instituições, as tecnologias, o tempo que passa, a cooperação, tanto quanto sobre o modo de superar as limitações ou de tornar seus gestos técnicos mais eficazes." Sabemos que não é somente na metodologia que se encontra a "saída" para o ensino politicamente significado. As alternativas que surgem no trabalho pedagógico, devem sempre pautar-se em conferir ao trabalho com a leitura e a escrita, um novo significado.

Neste ponto, cabe ressaltar que a Educação Básica no Brasil, que compreende a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e o Ensino Médio, atravessa um momento de mudanças que se devem às novas Políticas Educacionais implantadas. O Ensino Fundamental no Estado de Mato Grosso é organizado em Ciclos de Formação Humana¹. Os alunos são matriculados respeitando-se a fase/idade/ciclo, podendo devido à sua idade avançar fases, pois acredita-se dentro dessa proposta, que o aluno só aprenderá se estiver com seus pares (alunos da mesma faixa etária). Esse aluno enturmado que avançou fases devido à idade, se apresentar dificuldades para acompanhar a turma em que foi incluído, deverá ser encaminhado para as aulas de Articulação, onde no contraturno terá atendimento individualizado. A proposta do Ciclo de Formação Humana diz que a escola deverá "promover intervenções pedagógicas para que o aluno enturmado desenvolva condições de aprendizagem." (MATO GROSSO, 2013).

Embora o Ciclo de Formação Humana apresente uma teoria muito bem elaborada em termos de garantir a aprendizagem aos alunos na idade certa, na prática existem "peças" que não se encaixam e que fazem com que haja dificuldades para que seja aplicada. E isso se deve a vários fatores. Pode-se dizer que a escola peca em manter o mesmo conservadorismo de décadas atrás, a família deixa a desejar no acompanhamento aos alunos e estes pouco se envolvem com as atividades propostas, como por exemplo, com as aulas de Articulação, uma

-

¹ Prevê a inclusão de todos os alunos na idade certa, considerando o desenvolvimento humano e os direitos às aprendizagens. (Coordenadoria de Ensino Fundamental, SEDUC MT)

das intervenções pedagógicas para o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos com dificuldade.

O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica- IDEB, criado em 2007 pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, reúne em um só indicador, dois conceitos importantes para a qualidade da educação: as médias de desempenho nas avaliações e o fluxo escolar. A Prova Brasil² é uma dessas avaliações nacionais e tem caráter diagnóstico pois serve para medir a qualidade do ensino oferecido pelo sistema educacional brasileiro. É aplicada no 5° e 9° anos do Ensino Fundamental e contém questões de Língua Portuguesa e Matemática.

É frequente constatar-se através desses índices que mensuram o nível de leitura e compreensão, o baixo rendimento dos alunos, muitos destes já em fase de conclusão do Ensino Fundamental, 9º ano. A Prova Brasil utiliza as matrizes de referência dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e dos livros didáticos mais utilizados, representando o que está contemplado nos currículos vigentes no Brasil.

Os resultados obtidos dessas e de outras avaliações formativas realizadas de forma processual, mostram que o nível de escrita e leitura dos alunos está aquém do proposto pelos Parâmetros Curriculares Nacionais. Diante disso, tem havido uma constante discussão sobre a inserção de metodologias na prática pedagógica, que promovam o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita. Frente à essas discussões, realizar um projeto de intervenção com a turma rotulada como a "pior" da escola (8º ano B), tornou-se para mim um desafio.

Essa foi, portanto, a turma em que desenvolvi o projeto com paródias de músicas. Uma turma composta em sua maioria, por alunos com idade de 13 anos, que foram enturmados. No Orientativo - Ciclo de Formação Humana, (2013), consta sobre a Matrícula e Ingresso no Ensino Fundamental que "a matrícula do aluno nas escolas estaduais de Ensino Fundamental organizado por Ciclos de Formação Humana tem como critério a idade, respeitando a coerência com as fases de desenvolvimento que são próprias dessa organização." Afirma ainda que

Para garantir o direito a ser escolarizado no tempo previsto em lei, a Secretaria de Estado de Educação utiliza o critério da **enturmação** por idade de modo a respeitar e reconhecer os tempos-espaços de desenvolvimento biopsicossocial dos alunos no ato educativo. Dessa maneira, o processo de matrícula ocorrerá respeitando fase/idade/ciclo, inclusive para alunos que se encontram em defasagem idade/fase/ciclo. (MATO GROSSO, 2013, grifo nosso)

_

² Avaliação censitária envolvendo os alunos do 5ª e 9º Anos do Ensino Fundamental das escolas públicas, com o objetivo de avaliar a qualidade do ensino ministrado nas escolas.

Os alunos enturmados avançam fases, deixando de cursar algum ou alguns anos devido à idade. Por exemplo, se um aluno que concluiu o 5° ano ficar por dois anos sem estudar, será automaticamente matriculado após esses dois anos no 8° ano. A escolha da turma deveu-se a esse aspecto, pois o projeto era uma alternativa de trabalho com a leitura e escrita de forma significativa. A turma mostrava-se bastante desmotivada durante as aulas, recusando-se a fazer as atividades propostas. Fazia-se necessário, portanto, uma proposta de ensino com a qual se envolvessem.

Outra problemática era o uso do celular em sala. Ao recusarem fazer as atividades propostas, os alunos ocupavam o seu tempo ouvindo músicas, baixando e assistindo vídeos compartilhando imagens com os colegas e até postando nas redes sociais sobre a "monotonia das aulas." O desafio consistia em fazer de algo considerado um problema, uma alternativa de ensino. Essas eram as condições de produção da turma no momento da elaboração do projeto. Segundo Orlandi (2000 p. 30) as condições de produção "compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação. Também a memória faz parte da produção do discurso. A maneira como a memória 'aciona', faz valer, as condições de produção é fundamental."

O projeto objetivou aliar a tecnologia e Língua Portuguesa, através da pesquisa no aparelho celular e na sala de informática, do contato com vídeos baixados de sites, músicas compartilhadas via bluetooth, filmes exibidos e circulação das paródias no Facebook. Pode-se dizer, também, que se conseguiu transformar algo considerado "um problema" - o uso de celular em sala – em estratégia de aprendizagem, para trabalhar com a leitura, pesquisa e produção escrita. Através da prática de linguagem, tornar a escola um espaço de interpretação, a fim de que os alunos percebessem a possibilidade dos sentidos que circulam e se movimentam criando outros novos.

2 A ORGANIZAÇÃO DAS ATIVIDADES DO PROJETO: RESSIGNIFICANDO O "COMO" ENSINAR

2.1 Os problemas de leitura e escrita no Ensino Fundamental

Os problemas de aprendizagem dos alunos do Ensino Fundamental II (6° ao 9° ano) vão desde as dificuldades na leitura e escrita até os casos em que os alunos precisam ser ainda alfabetizados, conhecer as letras e fonemas para assim decodificar o sistema da escrita. Não é incomum encontramos salas de 8º e 9º anos com alunos que não escrevem no caderno por desconhecerem letra cursiva. Tal afirmação, embora pareça absurda pode ser facilmente constatada na maioria das escolas públicas. O Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) é responsável por elaborar avaliações que são aplicadas aos estudantes do Brasil e mostra que na principal avaliação destinada ao Ensino Fundamental, Prova Brasil, os índices estão bem inferiores às metas. Muitas vezes, nós professores de Língua Portuguesa desse nível de ensino nos vemos diante de um desafio enorme, pois além de nos preocuparmos com o currículo proposto pelos PCNs e PPP da escola, ainda sentimonos com a responsabilidade de alfabetizar os alunos que se encontram muito aquém do esperado para o ano escolar em que estão matriculados. Os PCNs, segundo Bisinoto (2009, p. 66), "representam hoje uma espécie de 'manual' em que se apoiam as autoridades educacionais e os professores brasileiros no sentido de promover as mudanças necessárias à melhoria da qualidade de ensino no país [...]". Os documentos que norteiam o trabalho pedagógico em maior ou menor dimensão refletem sempre uma política de governo que atende as suas exigências e interesses. Silva, M. (2007, p.150) afirma que:

Os PCNs, produzidos na década de 1990 e resultantes de condições de produção específicas, evidenciam movimentos econômicos e sociais de um tempo que demandava, obrigava mesmo, o Estado a assumir a questão da língua como uma questão do Estado, buscando adequar-se às novas exigências do capitalismo mundial e das sociedades organizadas pelas tecnologias e pela informação e, ao mesmo tempo, enfrentar velhos problemas do sistema educacional brasileiro, como o analfabetismo e a universalização da educação fundamental, decorrentes de uma organização econômica, social e política determinada pela posse da terra e pela escravidão, com índices alarmantes de pobreza absoluta.

Até o final dos anos 90, a escola era seriada e, portanto, "selecionava" os alunos que cursariam os anos seguintes. Esse processo de "peneira" excluía aqueles que não conseguissem alcançar as habilidades de leitura e escrita, entre outras, consideradas relevantes para a época em questão. A escola dessa época afastava todos aqueles que ela julgava

incapazes de adquirir e desenvolver as competências linguísticas e lógico- matemáticas que eram as únicas consideradas importantes para que o sujeito fosse considerado um aluno apto para cursar os anos seguintes. Na escola seriada o aluno tinha um tempo menor para aprender, e a retenção causava a repetência e evasão.

A escola em Mato Grosso, hoje organizada em Ciclos de Formação Humana, considera o tempo escolar de acordo com as fases de crescimento do ser humano. "O princípio orientador dessa proposta é a flexibilização do tempo, possibilitando que o currículo fosse trabalhado num período maior, permitindo assim respeitar os diferentes ritmos de aprendizagem dos alunos."(MATO GROSSO, 2001, p. 21). Essa flexibilidade, porém, não se torna suficiente para garantir o sucesso na aprendizagem. São muitos os casos de alunos que concluem o 9º ano conhecendo apenas letras e apresentando leitura silábica. A metodologia utilizada para o trabalho com o texto, ainda hoje, pauta-se na "leitura e interpretação" que não vai para além da superfície linguística, excluindo outras formas de linguagem levando em consideração apenas a linguagem verbal. Sobre isso, Orlandi (1988, p. 38) diz:

A escola, no entanto, evita, escrupulosamente, incluir em sua reflexão metodológica e em sua prática pedagógica a consideração de outras formas de linguagem que não a verbal e, no âmbito dessa, dá mais valor à escrita que à oralidade. Isso representa a expressão do maniqueísmo escolar, que vê em outras formas de linguagem sua manifestação rebaixada. Não se trata da capacidade de compreensão do aluno e, no interior desta, da sua capacidade de compreender textos escritos.

O aluno não lê só na escola, lê fora dela também. Poderíamos até dizer que é mais fora da escola que lê, nas redes sociais, em mensagens, em sites de pesquisas, em acesso a vídeos e outros. A escola deve trazer essas vivências que os alunos já têm para a partir delas trabalhar a leitura na escola, a fim de que esta não seja vista como "obrigação", mas como descoberta de múltiplos sentidos.

Cabe aqui salientar que embora a escola seja ciclada, muito pouco modificou sua prática de "transmitir" e cobrar os conteúdos ao final de cada bimestre. É o velho inserido no novo. Os alunos consideram as aulas exaustivas, vão à escola fazendo votos para que não haja aula ou para que sejam liberados antes das quatro horas que devem permanecer no estabelecimento de ensino. Pouca coisa mudou do sistema seriado para o sistema ciclado quanto à forma de ensino. Muitos professores recusam-se a aliar a tecnologia à sala de aula por considerarem-na inimiga da língua padrão e a culpada pela dificuldade dos alunos na escrita. Outros ainda acham que o trabalho com projetos é "perda de tempo", pois não haverá tempo para "transmitir todos os conteúdos do livro didático".

Quando se implantou o Ciclo de Formação Humana na rede estadual de Mato Grosso, houve muita inquietação e até mesmo dúvida por parte dos gestores das escolas sobre como seria conduzida essa nova política educacional. Foram realizados alguns cursos de curta duração para os gestores e professores, porém ficou ainda uma lacuna no tocante a teoria aliada à prática. Aos olhos de muitos, o Ciclo é o causador da não aprendizagem, uma vez que o aluno só é retido em casos de faltas excessivas.

Sabemos, no entanto, que há vários fatores responsáveis pelo baixo desempenho dos alunos, fatores existentes desde o Seriado, mas talvez não tão evidentes porque excluía os alunos que apresentavam dificuldades. Hoje, estão em destaque, pois o aluno conclui o 9º ano mesmo apresentando dificuldades na escrita e leitura.

Como professora de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental há quinze anos, acompanho de perto o que a escola tem feito para sanar essas dificuldades. As preocupações vão desde as metodologias até o desenvolvimento das atividades em classe e extraclasse. Percebe-se que a dificuldade não está centrada no **que** se deve ensinar, mas sim em **como** ensinar e quais recursos utilizar, considerando-se que o aluno hoje não é o mesmo de décadas atrás. Expressões saudosistas usadas por muitos professores como, "no meu tempo era assim", não cabem mais no discurso contemporâneo.

Ao trabalharmos um texto com os alunos, é necessário que outras leituras também sejam feitas, para que eles façam essa relação entre o texto trabalhado e outros que falarão do contexto histórico no qual foi produzido e que darão a base para que o aluno atribua ao texto, os gestos de interpretação. É isso que por muitas vezes falta em nossas escolas. Ouvimos nas reuniões de Conselhos de Classe, realizadas ao final de cada bimestre, que tem por finalidade o registro do rendimento de cada aluno, frases do tipo "O aluno X não entende nada do que lê"; "O aluno Y lê, mas não interpreta" e ainda "O aluno Z só interpreta superficialmente." Há que se pensar e analisar o que o professor tomou por base para atribuir essas frases à escrita e leitura dos alunos. O texto em questão foi lido isoladamente? Será que outras leituras também foram realizadas? O contexto histórico em que o texto está inserido foi discutido? Os alunos puderam pensar além do que o autor "quis dizer"? Todas essas questões nos levam a analisar de que forma está se realizando esse trabalho com a leitura e escrita nas escolas de Ensino Fundamental. Orlandi, (1988, p. 11) sobre a polissemia na noção de leitura afirma que [...] "a leitura pode ser um processo bastante complexo e que envolve muito mais do que habilidades que se resolvem no imediatismo da ação de ler. Saber ler é saber o que o texto diz e o que ele não diz, mas o constitui significativamente."

Os alunos já nascem na era digital e já têm contato com diferentes tecnologias ao chegar à escola, trazendo todo esse aparato tecnológico que não pode de forma alguma ser interditado em nome da escrita "padrão".

Tornou-se comum nesses últimos anos os alunos frequentarem a escola portando aparelhos celulares desenvolvidos com funções de um computador. Em comparação ao livro didático, ao quadro negro e ao giz, o celular se tornou muito mais atrativo para os alunos que em muitas ocasiões já foram advertidos por fazerem o uso do aparelho durante as aulas. Em suas atividades rotineiras, constam principalmente aquelas relacionadas ao uso de aparelhos eletrônicos. Entre si, compartilham vídeos e músicas de todas as categorias demonstrando enorme facilidade para assim fazê-lo.

Em virtude dessas constatações, desenvolver um projeto de intervenção que envolvesse a música, surgiu como uma alternativa que consistiu em aliar a música à leitura, escrita e produção de textos. A construção da proposta de intervenção com paródia de músicas incluiu várias atividades de pesquisa, aulas de campo, filmes, músicas, trabalhos em grupo e outros.

2.2 A paródia nos livros didáticos

Para a construção do projeto de intervenção, os primeiros materiais pesquisados foram os livros didáticos do ano em curso e os já utilizados em anos anteriores. Os livros analisados trazem o conceito de paródia de uma forma bem concisa, constando normalmente no final de uma unidade ou de um capítulo como atividade de produção de texto. O conceito de paródia apresentado nos três livros didáticos analisados, restringem-se ao funcionamento ao em textos cômicos e humorísticos.

O livro intitulado "Vontade de saber Português", do 6º ano do ensino Fundamental, das autoras Rosimeire Alves e Tatiane Brugnerotto, Editora FTD, trabalha a paródia com os contos maravilhosos da Literatura Infantil. Após a leitura de dois contos "Uma menina chamada Chapeuzinho Azul", de Flávio de Souza e "O Rei Sapo", dos irmãos Grimm, o livro trabalha a paródia, fazendo a intertextualidade com as histórias da Chapeuzinho Vermelho e com um filme lançado em 2009 chamado "A princesa e o Sapo".

Na parte da produção escrita, conceitua a paródia e propõe que o aluno crie uma paródia que deverá ser também um conto de fadas. Não há a abertura para que o aluno

produza seu texto utilizando um gênero textual com o qual se identifique mais. A proposta vem bem detalhada para que o aluno siga o passo a passo no momento da criação do texto.

Figura 1 - Atividade sobre Paródia no Livro Didático

Produção escrita

Anote no Laderno

Paródia

Na **Leitura 1**, você leu uma paródia do conto "Chapeuzinho Vermelho" e pôde se divertir com uma história bem-humorada e criativa. Agora, você vai criar sua própria paródia. Antes, porém, você e seus colegas vão relembrar alguns elementos do conto "Chapeuzinho Vermelho" para compararem com a paródia "Uma menina chamada Chapeuzinho Azul". Para isso, o professor vai ler para a turma uma versão do conto e, juntos, vocês deverão identificar os elementos que se aproximam e os que se diferenciam em relação aos dois textos.



Ilustração do século 19, representando uma cena do conto "Chapeuzinho Vermelho".

Pensando na produção do texto

Você vai criar uma paródia de um conto de fadas, ou seja, recriá-lo de modo divertido, e assim produzir uma história com suas próprias ideias. Seu texto terá como objetivo divertir seus colegas e outros alunos da escola, na seção Produção oral. Para isso, dê asas à sua imaginação e mãos à obra. Você poderá demonstrar toda a sua criatividade contando sua história.

- a) Primeiro, escolha um conto de fadas. Pode ser o conto "Chapeuzinho Vermelho", "Branca de Neve e os sete anões", "Cinderela", "João e Maria", "A Bela Adormecida", "A Bela e a Fera", "Rapunzel", entre outros.
- b) Escolha personagens e lugares que são típicos de contos de fadas para incluir na sua paródia.
 - rei, rainha
 - ioi, raiiiia
 - * bruxa
 - gigante
 - criança
 - príncipe, princesa

- animal falante
- objeto falante
- floresta
- bosque
- montanha encantada
- c) Liste os nomes dos personagens do conto de fadas escolhido. Identifique entre eles: o protagonista (herói ou heroína), o antagonista (vilão ou vilã) e os personagens secundários.

Fonte: Alves; Brugnerotto (2012)

Figura 2- Atividades sobre Paródia no Livro Didático

- d) Pense no enredo da versão original: a situação inicial, a complicação ou o conflito, o clímax e o desfecho da história.
- e) Relembre os lugares onde ocorrem os fatos do conto original.
- f) Escolha qual será o objeto mágico que auxiliará o herói ou a heroína a superar as dificuldades.
- g) Reflita a respeito da criação da paródia e sobre as alterações criativas e divertidas que podem ser feitas para que o novo texto contenha humor.



Produzindo o texto



Agora, inicie a paródia. As instruções abaixo são úteis para auxiliar na produção do texto.

- a) Narre sua história por meio de um narrador observador, que conta a história sem participar dela.
- b) Inicie o conto lembrando-se de que:
 - o tempo e o lugar são indeterminados;
 - o(a) protagonista é apresentado(a);
 - há uma situação de tranquilidade inicial que será quebrada.
- c) Escreva os fatos em sequência, envolvendo os personagens em situações incomuns para provocar humor. Você pode, por exemplo, inverter os papéis dos personagens ou criar personagens novos em relação à versão original, alterar o enredo, o lugar, o tempo, criar objetos mágicos diferentes dos habituais.
- d) Crie um título para o texto, que deve chamar a atenção do público para a paródia.
- e) Revise seu texto e verifique se você seguiu todas as orientações.

Após avaliar seu texto, reescreva-o fazendo as alterações necessárias. Você vai apresentá-lo na seção **Produção oral**, por isso é importante que comece a treinar a sua apresentação.

Além de ler sua paródia para alunos da sua escola, seria interessante que outras crianças também pudessem se divertir e apreciar sua criação. Que tal verificar com o professor a possibilidade de a turma apresentar as produções, por exemplo, para crianças de uma outra escola da cidade? Vocês podem também ler as paródias para crianças vizinhas do condomínio ou do bairro onde moram.

Avaliando a produção

Caso vocês tenham apresentado a paródia para outro público (não o da sua escola), façam a seguinte avaliação:

- O público conseguiu identificar a qual conto de fadas a sua paródia faz referência?
- A sua paródia divertiu os ouvintes?
- Em que lugar você apresentou oralmente a sua paródia?
- Onde sua apresentação fez mais sucesso, isto é, mais agradou os ouvintes?

Fonte: Alves; Brugnerotto (2012)

Devemos pensar que nem todos os alunos considerarão a proposta interessante. Ela deveria constituir uma alternativa e não uma imposição, levando-se em conta que tudo o que não estiver de acordo soará como um desvio. A proposta de produção de texto apresentada pelo livro didático direciona a escrita, esperando como resultado, textos com o mesmo padrão e que contenham as mesmas características como se o sentido fosse único e absoluto. O sentido único e verdadeiro, que resulta da concepção equivocada que os sujeitos interpretam por condições de produções específicas e pré-determinadas, têm esse papel de moldar o sujeito a fim de que todos pensem igual, sem "desvios" daquele alvo proposto pelo autor do texto ou do livro.

O livro didático de Língua Portuguesa do 8º ano, da mesma coleção e autoras citadas, traz a paródia também relacionada à intertextualidade e enfatizando a questão do humor como constitutiva da paródia. Apresenta uma tirinha da história da Chapeuzinho Vermelho e o filme "Deu a louca na Chapeuzinho" como uma paródia da primeira. O filme traz de forma inusitada, os personagens do clássico infantil, em um enredo de humor e comédia.

As atividades desses livros foram utilizadas como ilustração para a ampliação do estudo sobre os diferentes sentidos da paródia, porém não foram propostas aos alunos; por isso não constam no desenvolvimento das atividades descritas no capítulo III. O filme citado já havia sido assistido por todos os alunos, que mostraram bastante inteirados com a temática no momento do estudo da paródia no livro didático.

O autor oportuniza a produção de paródias com vários tipos de texto, como a música, contos de fadas, causos, poemas, charges, dentre outros. A atividade proposta solicita que o aluno observe a paródia em duas telas, uma de um pintor italiano, Giuseppe Arcimboldo, e outra do designer Luciano Baêta. Ambos fazem um retrato de fisionomias humanas utilizando alimentos. Coube aos alunos identificarem o elemento comum entre as telas, explicar em que consistia a paródia e com que intenção a paródia foi produzida.

Figura 3 – Conceito de Paródia no Livro Didático

Ampliando a linguagem

Paródia

O humor é um recurso presente em diferentes gêneros textuais e pode ser empregado para estabelecer um diálogo com textos já existentes.

Leia os textos a seguir e observe como isso ocorre.







Fernando Gonsales, Mouel Náusea: com mil demônios, São Paulo: Devir, 2002, p. 43.

В

A bicharada está assustada depois que policiais do reino animal receberam denúncias de uma confusão na floresta.

A bagunça envolve nada menos do que a Chapeuzinho Vermelho, o Lobo Mau e a Vovozinha. Nesta confusão, quem será que conta a verdade?

E quem roubou as receitas de doces da Vovó? Se você desconfia de alguém, guarde a informação até o fim do filme. Será uma grande surpresa.

> Deu a louca na Chapeuzinho. Diregão de Cory Edwards. EUA: Europa Filmes, 2005. (81 min.).





- Os textos que você leu pertencem a gêneros diferentes. Identifique-os.
- Ambos os textos dialogam com uma história bem conhecida de crianças e adultos. A que história esses textos se referem?
- Em sua opinião, por que os autores dos textos acima escolheram parodiar essa história?
- Apesar de esses textos dialogarem um com o outro, de que forma cada um deles se difere da história original?

A **paródia** é um texto produzido com base em outro já conhecido e que mantém alguns dos elementos do texto original, alterando-os ou acrescentando outros, fornecendo à história geralmente um caráter cômico, humorístico. Normalmente, o efeito cômico é obtido por meio da ironia ou do deboche.

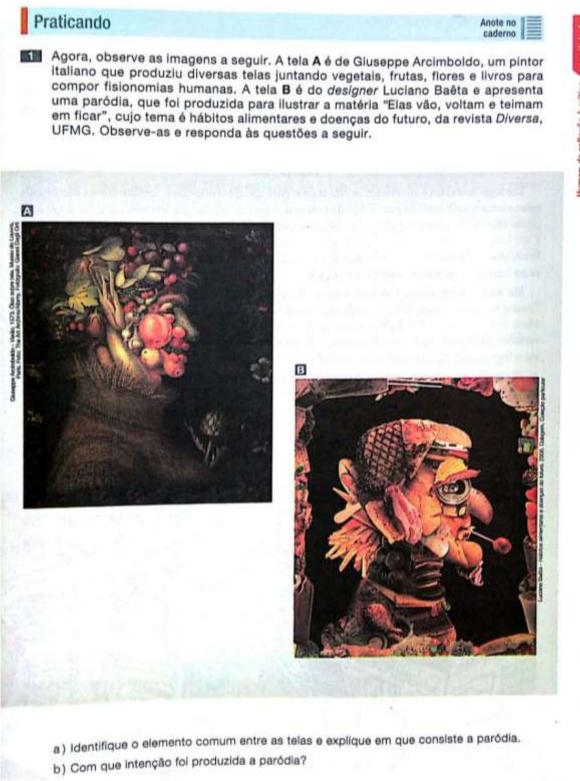
Gêneros como poemas, letras de músicas, contos de fadas, causos, entre outros, podem ser parodiados. O diálogo é estabelecido tanto com textos escritos quanto orais.

222

Fonte: Tavares; Conselvan (2012)

223

Figura 4 – Atividade sobre Paródia no Livro Didático – Telas



Fonte: Tavares; Conselvan (2012)

O livro didático do 7º ano "Português, a arte da palavra", dos autores Gabriela Rodella, Flávio Nigro e João Campos, Editora AJS, traz nas últimas páginas uma proposta de trabalho com paródias de músicas. Algumas páginas anteriores trouxeram a história da Música Popular Brasileira, depois algumas canções acompanhadas de questões sobre a gramática - pronomes oblíquos, exercícios ortográficos como o uso do há e do a. Após o uso do texto como pretexto para o ensino da gramática, o livro apresenta um breve estudo da paródia com um ícone na parte superior das páginas finais do capítulo. A proposta de produção de textos, consiste em que o aluno produza uma paródia de música, como se isso fosse possível após um rápido estudo. O livro conceitua paródias como sendo imitações bem-humoradas de alguma obra literária, teatral ou musical, onde se usam elementos da obra imitada para se produzir uma nova. Apresenta como exemplo duas músicas "Carta ao Tom", de Toquinho e Vinícius de Moraes e "Carta ao Tom", de Toquinho, Tom Jobim e Chico Buarque. Aponta que alguns versos se repetem e outros são totalmente modificados.

lao na Você sabe o que é uma paródia? Paródias são imitações bem-humoradas de alguma obra literária, teatral ou musical. Nelas, usam-se elementos da obra imitada, para se produzir uma nova obra, que costuma ter um tom satirico ou jocoso. As paródias musicais geralmente são feitas dessa forma: a melodia é mantida e a letra é bastante alterada, acrescentando-se dimensões inusitadas à obra anterior. Veja abaixo, primeiro, a versão original da canção "Carta ao Tom" e, a seguir, uma paródia feita pelo próprio Tom Jobim, contando com a parceria moleca de Chico Buarque. CARTA AO TOM parédia CARTA AO TOM original Toquinho - Vinicius de Moraes Toquinho - Tom Jobim - Chico Buarque Rua Nascimento Silva, cento e sete Rua Nascimento Silva, cento e sete Você ensinando pra Elizeth Eu saio correndo do pivete as canções de canção do amor demais Tentando alcançar o elevador Lembra que tempo feliz, ai que saudade, Minha janela não passa de um quadrado Ipanema era só felicidade A gente só vê cimento armado Era como se o amor doesse em paz Onde antes se via o Redentor Nossa famosa garora nem sabia É meu amigo só resta uma certeza A que ponto a cidade turvaria É preciso acabar com a natureza este Río de amor que se perdeu É melhor lotear o nosso amor Innérpretes Tom John. In: Marcus Vinicias de Crue de Melle Morese, Som livre, 1980. Mesmo a tristeza da gente era mais bela e além disso se via da janela Um cantinho de céu e o Redentor É, meu amigo, só resta uma certeza, é preciso acabar com essa tristeza. É preciso inventar de novo o amor Intérprete: Vinicius de Moraes. In: Marcus Vinicius da Cruz de Melle Meraes. Som livre, 1980. Como você pôde perceber, a música original versa sobre as saudosas reuniões da turma que criou a bossa nova (entre eles Tom Jobim, Vinicius de Moraes, Elizeth Cardoso) e do apartamento onde eles ensaiavam. Já a paródia fala de um mundo urbano menos idítico, com risco de assaltos, e do crescimento desordenado de prédios por todos os lados. Nas duas canções, alguns versos se repetem. Mas na paródia algumas estrofes são eli-minadas e aparece a crítica ao "progresso" da sociedade moderna. Nela também surge a ironia em relação à música original: o verso "é preciso inventar de novo o amor", da canção original, é substituído por "é melhor lotear o nosso amor".

Figura 5 - Atividade sobre Paródias no Livro Didático

Fonte: Rodella; Nigro; Campos (2009)

Figura 6 – Festival de Paródias - Proposta do Livro Didático

Festival da Paródia

Objetivo

Escrever a letra de uma canção bem-humorada, paródia de uma canção já existente. E, depois, interpretá-la para a classe.

1. Escolha da canção original

 Em grupos de três ou quatro colegas, procurem a letra original de uma canção de que vocês gostem.

2. Escrevendo a paródia

- Primeiro, leiam atentamente a letra da canção: anotem em seu caderno o tema sobre o qual ela trata e reparem em sua sonoridade e nos recursos usados pelo compositor.
- Se a canção tiver um refrão, uma ideia é começar o trabalho da paródia propondo outro.
- Vejam que novas palavras com a mesma sonoridade poderiam ser usadas para substituir as da canção original.
- Além dos mesmos sons, busquem manter a mesma métrica. Encaixar novos versos com a mesma métrica dos versos anteriores.
- Com os versos novos, procurem dar uma unidade temática à nova letra. Não basta as palavras serem parecidas, o tom de humor da paródia acontece, quando a nova letra faz sentido por si só e, de alguma maneira, se refere à letra original.
- Escrevam a nova letra no papel. Cantem. Escutem-se. Reescrevam. Façam os ajustes necessários até que a letra fique "redonda" e case com a melodia antiga.

3. Apresentação

- Seria interessante que a apresentação da paródia pudesse ser feita com o acompanhamento de instrumentos ou de um CD com a melodia da canção parodiada.
- Se alguém do grupo souber tocar algum instrumento, como teclado ou violão, poderá fazer os acordes de base enquanto os colegas entoam a letra da paródia.
- Outra opção é trazer para a sala a gravação somente da melodia da canção, que pode ser tocada em um aparelho de CD. Dessa maneira, todo o grupo pode soltar a voz e cantar a paródia criada sobre o acompanhamento da canção.
- Uma terceira alternativa, mais simples, é cantar a capella, ou seja, sem acompanhamento nenhum, somente com a apresentação das vozes.

4. Dicas

- Verifiquem todas as condições técnicas antes de se apresentarem. O violão está afinado? O tocador de CD está funcionando? As tomadas da sala estão ok?
- Decorar a letra é bom. Mas não há problema nenhum em lê-la em um papel durante a apresentação. Muitos músicos profissionais fazem isso!
- Se algum problema técnico ocorrer, levem na esportiva e cantem sem acompanhamento mesmo.
 O que vale é a diversão e cumprir a tarefa!

AVALIAÇÃO

- Foi fácil escolher a canção original para a paródia? Qual foi a maior dificuldade nessa fase?
- Vocês conseguiram escrever um texto em tom de zombaria que se relacionasse com a canção original?
- Conseguiram manter na nova letra o ritmo da antiga?
- Vocês escolheram interprertar com acompanhamento ao vivo, gravado ou a capella? Quais os benefícios e as dificuldades que essa escolha trouxe?
- O que os colegas acharam da paródia de vocês?



237

É interessante notar que após apresentar essas músicas de forma descontextualizada, o autor convida os alunos a realizarem um Festival de Paródias, como se esse fosse um trabalho simples que exigisse apenas a análise de duas músicas como mostra a imagem da página 236 do livro. Os livros didáticos utilizados atualmente na escola não trazem uma proposta de trabalho consistente com a paródia. Por isso, o livro foi bem pouco utilizado durante a execução do projeto, servindo apenas como um dos materiais de apoio, mas não como referência. O projeto incluiu várias atividades com diferentes materialidades linguísticas. Tais atividades serão minuciosamente descritas no capítulo III deste trabalho.

2.3 Planejamento das atividades do Projeto de Intervenção

Quando a proposta foi pensada, eu havia somente descrito, no projeto, atividades envolvendo paródias de músicas. Depois, ao rever e refazer as atividades sequenciadas para os quatro meses de execução, percebi que tinha também que trabalhar com outras materialidades linguísticas que envolvessem a linguagem verbal e não verbal. Orlandi (1988, p. 38) afirma que "o processo de compreensão de um texto certamente não exclui a articulação entre as várias linguagens que constituem o universo simbólico. Dito de outra maneira: o aluno traz, para a leitura, a sua experiência discursiva, que inclui sua relação com todas as formas de linguagem."

As atividades do projeto incluíram atividades de pesquisa tanto em livros quanto no laboratório de informática, filmes, visitas à exposição de obras de arte, vídeos e clipes musicais, pinturas e desenhos, confecção de cartazes, debates, exposição de trabalhos em sala, dentre outros.

Em um primeiro momento, houve a apresentação do projeto e das atividades relacionadas a ele à equipe gestora da escola para que tomassem ciência do que seria realizado dentro e fora da sala de aula. A equipe gestora demonstrou apoio durante todo o processo de realização do projeto.

A escola Vasti Pereira da Conceição desenvolve todos os anos, um projeto interdisciplinar sobre o meio ambiente encabeçado pelos professores de Ciências Naturais. Todos os alunos e professores devem se envolver desenvolvendo atividades relacionadas às questões ambientais. Há na escola o problema com o lixo jogado pelos alunos em local impróprio, no pátio da escola, no chão das salas de aulas e também no entorno da escola. O tipo de lixo mais comum é o papel que é retirado dos cadernos pelos próprios alunos na maioria das vezes de forma desnecessária. O trabalho com o processo de significação deve ser

uma tarefa diária da escola, uma vez que *Meio Ambiente* é um dos temas transversais contido nas Orientações Curriculares. Nas atividades do projeto com paródia de músicas, a primeira atividade envolveu a temática do lixo, uma vez que já contemplava também o projeto da escola.

Apresentei aos alunos uma paródia retirada do Youtube "O lixo", com melodia da música de Michel Teló *Ai, se eu te pego*. A atividade propunha que os alunos cantassem a música e pesquisassem sobre lixo reciclável em livros didáticos ou na internet. Após a pesquisa, a proposta era que fizessem cartazes e um possível levantamento sobre qual era o tipo de lixo mais produzido na escola. Através desse estudo, seria possível aos alunos construírem os sentidos de que grande parte desse lixo era produzido desnecessariamente e, consequentemente diminuíssem o volume de lixo.

A proposta para a realização dessas atividades era de uma semana, que totalizava cinco horas/aulas. Para consolidar essa temática, a última atividade elencada foi o filme "Lixo Extraordinário" de Vik Muniz e uma posterior Roda de Conversa para que expusessem sobre os aspectos relevantes do filme, conferindo assim, um efeito de fecho ao tema abordado.

Após essa atividade, seguiu-se o outro projeto, *Alimentação Saudável*, que também é desenvolvido interdisciplinarmente na escola. O professor de Educação Física pesa e mede todos os alunos, calculando a massa corporal e detectando casos de obesidade e desnutrição. O objetivo desse projeto é ter conhecimento sobre a alimentação saudável e sobre as consequências positivas e negativas que os alimentos têm sobre o nosso corpo. Como parte das atividades, uma paródia sobre a alimentação saudável foi colocada no cronograma, pois ressaltava o valor nutricional das frutas. Retirada do Youtube, a paródia denominada "As frutas" tem a melodia da música *Kuduro*, de Latino.

A escolha dessas paródias deveu-se ao fato de serem essas músicas conhecidas por todos os alunos e apresentarem ritmo envolvente. Outra atividade, consistiu em que cada aluno preenchesse uma ficha com o cardápio semanal, com a finalidade de perceber a importância de ingerir alimentos variados, priorizando os naturais. Pesquisas sobre o valor nutricional das frutas e verduras e exposição em forma de seminário, também fizeram parte do cronograma de atividades.

A proposta da salada de frutas surgiu depois de já estar o projeto em execução, objetivando a degustação dos sabores, para logo em seguida chamar a atenção dos alunos sobre a questão da alimentação, dos hábitos alimentares, trazendo reflexões sobre os problemas sociais, a má distribuição de renda e outros.

Pela própria letra das músicas que, na maioria das vezes, apresenta variação linguística e um registro informal, foi incluído no projeto o estudo das variações linguísticas sociais, históricas e regionais. Além da letra das paródias "O lixo" e "As frutas", a música "Asa Branca" de Luiz Gonzaga também relacionada no cronograma. Esse estudo teve como objetivo mostrar que há diferentes modos de se falar e que a norma culta é mais um deles, devendo ser usada em registros formais por ter um lugar de prestígio. Atividades sobre a música Asa Branca foram colocadas no projeto, dentre elas o estudo do texto, atividades de leituras sobre temática da seca no sertão nordestino e a uso racional da água. Sobre a variação linguística e o ensino de Língua Portuguesa, os PCNs apontam que:

Para cumprir bem a função de ensinar a escrita e a língua padrão, a escola precisa livrar-se de vários mitos: o de que existe uma forma correta de falar, o de que a fala de uma região é melhor do que a de outras, o de que a fala correta é a que se aproxima da língua escrita, o de que o brasileiro fala mal o português, o de que o português é uma língua difícil, o de que é preciso consertar a fala do aluno para evitar que ele escreva errado. (BRASIL, 1998, p. 31)

A escola deve ser, portanto, o principal espaço onde se deve estudar a variação linguística. Para que o aluno utilize a linguagem adequando-a às mais diversas situações do cotidiano, ele precisa conhecer os vários modos de se falar. E a norma culta é uma delas. Ao se estudar as variações, não se pode produzir o efeito de que "tudo pode" e sim de que as adequações devem ser feitas dependendo do espaço de enunciação e circulação da linguagem.

Para a realização das atividades relacionadas ao projeto *Alimentação Saudável*, foram destinadas dez horas/aulas.

Na elaboração do projeto também foram relacionadas atividades sobre as eleições, visto que no mês de outubro aconteceria a eleição para Presidente da República, Senador, Governador, Deputado Estadual e Deputado Federal. Muito raramente os alunos adolescentes discernem quais as funções que competem a cada um desses governantes. Na época das eleições, sempre há na escola, conversas sobre questões políticas, compra e venda de votos, corrupção e na maioria das vezes esse assunto é mencionado pelos alunos durante as aulas. O discurso sempre se repete com a problemática das promessas feitas não cumpridas pelos candidatos e as músicas usadas nas campanhas eleitorais. Por esse motivo, foi pertinente incluir no projeto, o trabalho de atividades com charges com temas políticos que trazem frases em que remetem à memória discursiva. "Algo fala antes, em outro lugar e independentemente. É o já dito e esquecido que o constitui em sua memória." (Orlandi, 2010, p. 21 e 22). Quando

uma palavra ou expressão é dita em condições de produção específicas, significa de maneira particular, por isso não é possível ter-se o controle dos sentidos.

Além das paródias contidas em charges, as paródias com músicas usadas pelos candidatos em época de campanha, também compuseram as atividades do projeto. Como parte das atividades, foi feito um debate sobre a obrigatoriedade do voto vista como direito ou dever. O tempo destinado a essas atividades tornou-se maior na trajetória do desenvolvimento do projeto devido ter acontecido o segundo turno, totalizando doze horas/aula.

Até então, no projeto só havia atividades realizadas na escola, nos ambientes sala de aula, pátio e sala de informática. Pelo fato de que os alunos têm a sua vivência mais restrita ao bairro em que a escola está localizada, precisava-se de uma atividade que pudesse ser concretizada em um local diferente, que pudesse conciliar lazer e aprendizagem. Enquanto as outras atividades eram desenvolvidas, essa aula de campo foi planejada em conjunto, elaborada junto aos alunos conciliando-se a data e horário que melhor conviesse a todos.

Os alunos visitaram o SESC ARSENAL na Semana da Consciência Negra sendo possível o contato com várias materialidades linguísticas tais como filmes, obras literárias, jogos, obras de arte, pinturas, monumentos dentre outros. O objetivo dessa aula de campo foi dar suporte para que no momento da produção de paródias os alunos tivessem o material necessário para a escrita. As atividades finais do projeto que consistiam em produzir uma paródia e apresentá-la aos demais alunos e comunidade escolar.

Após a visita ao SESC ARSENAL, uma aula foi destinada no cronograma para discussões onde os alunos pudessem comentar as temáticas dos filmes assistidos bem como das demais materialidades com as quais tiveram contato. O período para a realização dessas atividades, foi agendada para uma semana anterior à da Consciência Negra até uma semana após a comemoração do 20 de novembro.

A atividade de produção de paródias de músicas, produto final do projeto, objetivou a autoria – foi possível ao sujeito-autor realizar não apenas a prática da leitura/escrita no nível da superfície linguística, mas significar a partir da prática da problematização desses processos. Orlandi (1988, p. 80) descreve esses processos e afirma que "a escola deve propiciar essa passagem - enunciador/autor, de tal forma que o aprendiz possa experimentar práticas que façam com que ele tenha o controle dos mecanismos com os quais está lidando quando escreve." Esses mecanismos, segundo Orlandi (1988) são do domínio do processo discursivo e do domínio dos processos textuais. O aluno se constitui como autor através do processo discursivo e marca sua prática como autor através do domínio dos processos

textuais. A escola deve ser então um espaço de autoria formando autores capazes de produzir textos que tenham unidade, clareza e responsáveis pelo seu dizer.

3 A ANÁLISE DE DISCURSO E O FUNCIONAMENTO DA LINGUAGEM: AS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NO PROJETO

3.1 A execução do projeto - Atividades desenvolvidas em consonância com os projetos escolares

O projeto de intervenção *A produção de paródias: uma proposta para o ensino de Língua Portuguesa*, desenvolvido com os alunos do 8º B, da Escola Estadual Vasti Pereira da Conceição, foi elaborado tendo como fundamentação teórica a Análise de Discurso que "procura compreender como a língua faz sentido, enquanto trabalho simbólico." (ORLANDI, 2000, p. 15). Portanto, foi sob esse viés que mobilizamos os conceitos de língua, discurso, história, sujeito e interpretação em suas relações com as práticas de leitura e escrita, respondendo ao desafio de torná-las mais significativas para o aluno do século XXI. O projeto foi desenvolvido em quatro meses, de setembro a dezembro de 2014, tendo como objetivo, trabalhar a leitura e a escrita na perspectiva discursiva.

A escola propõe todos os anos, projetos interdisciplinares com as temáticas *Meio Ambiente* e *Alimentação Saudável*. Como a execução do projeto iniciou-se em setembro, mês em que eram desenvolvidas atividades relacionadas a esses dois temas, conciliei-as ao projeto com paródias. A primeira atividade do projeto foi então desenvolvida a partir de uma paródia, retirada do Youtube sob o título *Tira o Lixo da Calçada*, com a melodia de *Ai, se eu te pego*, de Michel Teló. A paródia é de autoria do Comitê de Resíduos e foi postada por Rachel Rodrigues. Além do objetivo de fazer conhecer o processo do lixo reciclável e o destino certo do mesmo, já havia antes a necessidade de se reforçar as recomendações feitas pelas funcionárias da escola da área 21- Auxiliares de Serviços Gerais, para que os alunos mantivessem a escola limpa. Utilizando-se os recursos materiais como notebook e caixa de som, os alunos ouviram a paródia, sentindo-se motivados a cantar.

A escolha da música se deu pelo fato de ter sido sucesso nas paradas e, portanto, ter a letra e a melodia conhecida pelos alunos. A escola deve partir das experiências vivenciadas pelos alunos na família, no grupo social, na internet e outros, pois todas essas situações envolvem a leitura. Em seu artigo *Leitura Questão Linguística, Pedagógica ou Social?* Orlandi (1988, p. 39) fala que na leitura "não há o grau zero assim como não há grau dez." Portanto, o aluno traz para a escola um conhecimento prévio que deve ser valorizado. "Assim como não se para de 'aprender' a ler num momento dado (grau dez), também não há possibilidade de se reconhecer um momento em que se começa do nada (grau zero)."

Depois de cantada a música, foram discutidas temáticas relacionadas ao excesso de lixo na escola, aos vários tipos de lixo e aos problemas ambientais causados pelo depósito de lixo na natureza. Essa atividade foi feita com o uso do projetor – data show, para que as imagens e o texto fossem visualizados.

Como já mencionamos, existe a preocupação das funcionárias da área de serviços gerais com o excesso de lixo diário produzido pelos alunos e jogado no pátio da escola, principalmente na hora do intervalo. Por isso, após o intervalo, os alunos foram incentivados a percorrer o pátio da escola e listar os tipos de lixo encontrados.

Na aula seguinte, a atividade foi realizar pesquisas no laboratório de informática. Devido aos problemas de falta de internet, computadores com vírus e precisando de manutenção e ainda pelo espaço da sala de informática ter que ser dividido entre todas as turmas da escola, tornam-se muito raras as aulas feitas no laboratório. Explica-se então a motivação dos alunos frente a oportunidade de realizar pesquisas no laboratório da escola.

As pesquisas se concentraram em temáticas relacionadas ao lixo. Em duplas, realizaram pesquisas sobre os aspectos de maior interesse. As temáticas foram: Doenças causadas pelo lixo, Lixo reciclável, Destino do lixo, Aterros sanitários, Reciclagem, dentre outros. Durante a pesquisa, foi possível observar que a descoberta sobre algo desconhecido, gera a vontade de buscar mais conhecimento. Através da pesquisa, o aluno selecionou, recortou e organizou as partes relevantes comprovando ou não as hipóteses feitas antes dela. O trabalho com a leitura e a pesquisa tornou possível aos alunos compreender como o texto produz sentidos. Orlandi, (2000, p. 26) distingue a compreensão da interpretação, afirmando que a compreender vai muito além de interpretar.

Compreender é saber como um objeto simbólico (enunciado, texto, pintura, música etc) produz sentidos. É saber como as interpretações funcionam. [...] A compreensão procura a explicitação dos processos de significação presentes no texto e permite que se possam 'escutar' outros sentidos que ali estão, compreendendo como eles se constituem.

Ainda tratando da temática do lixo, foi exibido aos alunos o filme "Lixo extraordinário", de Vik Muniz. O filme é um documentário de 2010, que retrata o trabalho desse artista plástico em conjunto com catadores de material reciclável em um aterro controlado localizado no Jardim Gramacho, Rio de Janeiro. Durante a exibição, os alunos fizeram anotações sobre os pontos que acharam mais relevantes, considerando a circulação dos sentidos entre as falas das personagens e os episódios ocorridos. Por se tratar de uma abordagem de histórias reais, foi possível considerar os problemas vivenciados pelas pessoas

que trabalhavam no lixão, como por exemplo, do presidente da associação dos catadores do aterro, Tião Santos. As mudanças na vida e concepção de mundo dos catadores foi algo comovente aos alunos que puderam externar isso até com lágrimas. Quando eu disse aos alunos que não se tratava de ficção, mas de relatos de pessoas reais, pude observar a emoção e comoção por parte de muitos deles. Os alunos se identificaram com as histórias de vida dos catadores porque muitos enfrentam também dificuldades diárias por pertencerem a famílias de baixa renda. "Aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente" é o que chamamos memória discursiva. (ORLANDI, 2000, p. 31). A memória discursiva que atravessa essas significações sobre os problemas que afetam um bairro periférico, como as questões de falta de saúde e higiene, falta de condições para uma alimentação saudável e outros fatores, constituíram esse pré-construído na produção do discurso.

Após o filme ser exibido, houve um debate sobre os trechos que mais marcaram e que lhes trouxeram alguma lição, como a frase dita pelo presidente da Associação, Tião. "Quando você coloca uma coisa na cabeça, você consegue". Esse enunciado produziu efeitos de sentidos que os alunos tomaram para si, para a sua vida. "Quem acredita no seu sonho vai vencer na vida", reforçou um dos alunos após a fala de Tião. Tião deixa uma mensagem que enfatiza essa importância de acreditar nos sonhos, assim como ele acreditou que Associação seria um dia uma empresa organizada, que geraria sustento para muitas famílias. Segundo Orlandi (2010) o social e o histórico não se dissociam, visto estarem sempre o enunciador e destinatário tocados pelo simbólico. No discurso, o efeito se dá ao mesmo tempo entre os sujeitos. As situações que ocorrem no momento da enunciação e as que já aconteceram antes dela, também são relevantes pois constituem a exterioridade.

O vice-presidente da Associação, ao ser entrevistado, também pronunciou uma frase de grande repercussão, depois citada pelos alunos como sendo de efeito e marcante. "A luta é grande, mas a vitória é certa." Cada aluno por sua vez destacou um ponto, salientando que efeito ou efeitos de sentidos atribuíram às falas ou acontecimentos. Orlandi (2000) diz que as condições de produção podem ser consideradas em sentido estrito e em sentido amplo. Em sentido estrito envolvem as circunstâncias da enunciação: o contexto imediato. Em sentido amplo incluem o contexto sócio-histórico, ideológico. As condições de produção em sentido estrito, por exemplo, compreenderam a sala de aula, o fato do filme ter sido exibido na escola e não em um cinema e o momento. Podemos exemplificar essas condições em sentido amplo quando consideramos o bairro periférico em que a escola se situa, o modo como os governantes agem em relação aos problemas de infraestrutura existentes ali, as condições

como vivem as famílias desses alunos, tudo o que já haviam visto sobre o lixo nos mais diversos meios e outros.

O outro projeto interdisciplinar proposto pela escola, *Alimentação Saudável*, norteou as próximas atividades desenvolvidas no projeto com paródias. O projeto se justifica por haver casos de alunos obesos e desnutridos. Muitos não têm uma alimentação adequada com frutas e verduras. O lanche mais consumido entre eles na hora do receio é o salgadinho industrializado tipo *Skiny*. Para a grande maioria, a merenda escolar ainda é a principal fonte de alimentação do dia. Eles comem, repetem e já chegaram a dizer que em casa não têm uma comida como a da escola. O professor de Educação Física pesa e mede os alunos como atividade desse projeto, para calcular o nível de massa corporal. Em conjunto com o professor, o tema *Alimentação Saudável* foi trabalhado a partir de uma paródia intitulada *Dança da fruta*, com a melodia da música *Kuduro*, de Latino. Ela foi retirada do Youtube, elaborada por componentes de um projeto de saúde intitulado "Além do Leite," em Santa Catarina. O vídeo foi postado por Luciana Vesoloski, e ressalta a importância do consumo de frutas e verduras na alimentação diária.

Após cantarem a música, os alunos passaram a discutir o tema da alimentação variada, quando muitos afirmaram nunca ter comido determinada fruta e verdura e que tinham curiosidade de saber qual era o gosto e quais as vitaminas e nutrientes nelas contidos. Quando um aluno canta uma música que cita o nome de uma fruta sem nunca ter sentido seu sabor, a música se torna para ele inteligível, mas muito dificilmente interpretável e muito menos compreensível. Para Orlandi (2000, p. 26)

A inteligibilidade refere o sentido à língua: 'ele disse isso' é inteligível. Basta saber português, para que esse enunciado seja inteligível; no entanto não é interpretável pois não se sabe quem é ele e o que ele disse. A interpretação é o sentido pensandose o co-texto (as outras frases do texto e o sentido imediato. [...] A compreensão é muito mais do que isso. Compreender é saber como um objeto simbólico (enunciado, texto, pintura, música etc) produz sentidos.

Uma outra atividade consistiu em escrever durante uma semana, quais foram os alimentos consumidos por eles no café da manhã, no lanche, no almoço e no jantar. Na semana seguinte, foram recolhidas as folhas para em conjunto verificarmos o resultado.

Dentre os alimentos mais consumidos no café da manhã e lanche, destacaram-se o refrigerante, o pão, a bolacha recheada e o café. O leite e as frutas, que são essenciais, principalmente no café da manhã, não foram citados como sendo consumidos com frequência pelos alunos. No almoço e no jantar, o arroz, o feijão e o macarrão ocuparam o topo dos

alimentos mais consumidos, ficando as verduras e os legumes fora do cardápio da maioria dos alunos.

Essa análise deixa transparecer a dieta dos brasileiros, que não se restringe apenas aos alunos da escola Vasti Pereira da Conceição, mas de grande parte da população brasileira, uma dieta em que faltam os principais nutrientes e vitaminas.

De acordo com uma reportagem intitulada "Dieta do brasileiro é pobre em nutrientes e rica em calorias", publicada no jornal Folha de São Paulo, 29 de julho de 2011, o refrigerante, o biscoito e outros produtos industrializados têm sido ingeridos em excesso, principalmente pelas crianças e adolescentes. Segundo a reportagem, o resultado desse consumo acarreta prejuízos à saúde, sendo responsável por doenças associadas ao desenvolvimento de hipertensão, diabetes e até câncer.

Mediante o projeto *Alimentação Saudável*, desenvolvido todos os anos na escola, é possível que os alunos tenham ciência desses riscos, atentando para os benefícios de se alimentarem bem e de forma correta. Ter apenas ciência sobre os riscos de uma má alimentação, não é suficiente para que se obtenha resultados positivos. O objetivo desse trabalho sobre alimentação saudável é provocar a mudança de atitude através da construção de sentidos.

Após a análise do cardápio, os próprios alunos expressaram o desejo de fazer uma pesquisa em livros didáticos que ficam guardados no almoxarifado da escola e que já excederam o seu ano de uso, sendo por isso, disponibilizados para pesquisas e recortes. A dinâmica da pesquisa foi o trabalho em grupo e os alunos realizaram um levantamento sobre os nutrientes presentes nas frutas e verduras. Na sequência os alunos montaram cartazes e apresentaram o valor nutritivo e calórico de cada uma. Cada grupo expôs aos colegas o resultado da sua pesquisa, de forma diferente quanto à seleção lexical das palavras e proposições, porém foram unânimes em afirmar que as frutas devem fazer parte do nosso cardápio diário, pois são ricas em vitaminas e fornecem energia para a realização das mais diversas atividades do nosso dia a dia. Mesmo não tendo o hábito de uma alimentação saudável, pelas suas condições financeiras, eles reproduziram o discurso da pesquisa.

Para consolidar essas atividades, convidei-os a fazer uma salada de frutas com a participação de todos. Cada aluno levou uma fruta diferente, a fim de que pudéssemos degustar frutas variadas e assim ingerir muitos nutrientes necessários para a nossa saúde. Todos se mostraram muito empolgados e queriam se antecipar em anotar seus nomes para trazer a fruta no dia marcado. A salada de frutas foi feita conforme o combinado na própria sala, com frutas variadas e com a participação efetiva dos alunos, pois até no momento em

que as frutas eram cortadas, foi possível ouvi-los dizer quais os nutrientes nelas contidos e um aluno mencionar que nunca havia comido melão e estava curioso para saber qual era o sabor. Depois de pronta, todos degustaram e apreciaram as frutas, dando mais ênfase quando encontravam nos copos as frutas mais raramente consumidas por eles por causa do preço, como a uva, por exemplo.

Após a degustação das frutas, os alunos expressaram-se com agradecimentos, fazendo menção ao projeto de forma positiva. Essa demonstração de agradecimento aponta a necessidade de atividades que promovam momentos lúdicos, a fim de que a sala se torne um ambiente prazeroso tanto para o aluno quanto para o professor. Apontando para a necessidade da sala de aula como um espaço de convívio harmonioso, Passareli (2012, p. 27) afirma

Harmonizar a interação construtiva com a dimensão lúdica - o prazer em sua gratuidade - é possibilidade de propiciar um espaço de convívio agradável, verdadeiramente interativo, em que os agentes da sala de aula se mostrem em sua personalidade, como quem sente, brinca, chora, ri, imagina, mas que também trabalha.

Tendo em vista que as letras das músicas trabalhadas "Tira o lixo da calçada" e "Dança da Fruta" têm registro informal, foi feito um estudo sobre as Variações Linguísticas para que os alunos percebessem que há vários modos de se falar dependendo de cada situação. As variações não constituem "erros" e sim diferenças, de acordo com a região, a classe social, a profissão, o grupo, a faixa etária. O fato de que se deve respeitar e adequar a fala a cada situação discursiva constituiu o cerne do estudo sobre as Variações Linguísticas. Conforme Bisinoto, (2009, p. 53) "o sentido de 'variedades linguísticas' delimita os conjuntos de formas diferentes de se falar uma mesma língua, ou seja, conjuntos de caracteres linguísticos de natureza social, estilística e regional."

Na aula seguinte, a música "Asa Branca" foi trabalhada com os alunos, primeiramente na questão da temática que fala sobre a seca no sertão nordestino. Foram realizadas pesquisas no laboratório de informática sobre essa problemática para que os alunos compreendessem melhor as causas e consequências da seca. Após a pesquisa, houve uma Roda de Conversa para que os alunos pudessem falar sobre o que já sabiam e o que constituiu novidade sobre a temática. A maioria dos alunos apenas repetiu mnemonicamente, lendo as anotações da pesquisa; outros se expressaram formalmente e uns poucos apresentaram os dados trazendo hipóteses sobre como acabar com a seca e colocando essa problemática como responsabilidade dos governantes. Podemos dizer que estes últimos procederam ao

deslizamento dos sentidos – a repetição histórica. A Análise de Discurso distingue essas três formas de repetição. Segundo Orlandi (2000, p. 54)

A repetição empírica (mnemônica) que é a do efeito papagaio, só repete; a repetição formal (técnica) que é um outro modo de dizer o mesmo; a repetição histórica, que é a que permite o movimento porque historiciza o dizer e os sujeito, fazendo fluir o discurso, nos seus percursos, trabalhando o equívoco, a falha, atravessando as evidências do imaginário e fazendo o irrealizado irromper no já estabelecido.

Depois, foi feito o trabalho com a linguagem, pois a priori, muitos alunos julgaram a letra da música como "errada". O conceito de certo e de errado que permeia a escola até hoje, mostra-se forte e interiorizado nos alunos, considerando-se como erro, tudo o que foge às regras da norma culta.

Em alguns casos, é comum os alunos buscarem confirmação com o professor sobre algo que já têm um conceito formado. Perguntam ao professor, que consideram alguém que "tem autoridade" sobre a veracidade de um conceito. Durante a realização do projeto, quando estudávamos as variações linguísticas, tendo como ponto de partida a música "Asa Branca", de Luiz Gonzaga, muitos me perguntaram se as palavras do linguajar caipira eram erradas. Durante toda a vida ouviram falar sobre "certo" e "errado" em se tratando da Língua Portuguesa.

Ao estudarem Variação Linguística, se viram desafiados a mudar esse conceito. Foi interessante observar que enquanto copiavam a música, alguns tinham dúvidas sobre a forma que como deveria ser feita a cópia, se com as palavras escritas "erradas", conforme eles, ou se de acordo com a norma culta.

Enquanto alguns chamavam o linguajar caipira de "errado", outros alunos intervinham retificando "Ei, fulano, não é erro é variação, né, professora?" Houve compreensão sobre os sentidos, mediante as aulas de realização desse estudo e os sentidos foram produzidos. Nas discussões feitas após esse diálogo, alunos citaram exemplos de pessoas que conheciam e que tinham modos diferentes de se falar. A música "Asa Branca" foi uma das escolhidas para a produção das paródias.

É, portanto, papel da escola modificar as condições de produção de leitura do aluno - leitura parafrástica e polissêmica - no sentido de ir além de reproduzir o que foi dito pelo autor do texto, deixando que os sentidos circulem.

Após esse estudo, os alunos pediram para cantar a música em sala pois a melodia já era conhecida por todos. Esse momento foi filmado e fará parte do material sonoro e imagético que será entregue juntamente com este trabalho.

3.2 A paródia em charges com temas políticos - paráfrase e polissemia

Era outubro e as eleições se aproximavam. Inevitavelmente, a temática seguinte teve relação com a política. É comum os candidatos em período eleitoral fazerem paródias de músicas como material de campanha para circular nos carros de som pelos bairros. Então, ocorreu que os próprios alunos traziam essas paródias para a sala, fazendo leitura da letra que informava os dados e as propostas. Assim, montamos um mural em que fixamos essas paródias que foram depois julgadas qual era a melhor e qual era a mais "criativa". As paródias julgadas por eles como mais criativas, foram aquelas que tinham mais rimas, letras mais elaboradas, ou seja, aquela que mais se "encaixou" na melodia – termo usado por eles. Em seu artigo *Elementos para uma análise de discurso político*, Pinto (2005, p. 79) analisa questões sobre o discurso político que se apresenta nas questões do dia-a-dia, dizendo que

No tempo da política, isto é, durante as campanhas eleitorais, o discurso sai dos locais tradicionais de enunciação e todos nós nos tornamos enunciadores de discursos políticos, sujeitos de discursos políticos: os eleitores passam a ser também enunciadores. Todo eleitor, em última instância, quando vota, constrói um discurso político, a política se legitima na fala de cada um de nós.

As propagandas eleitorais gratuitas eram também assistidas pelos alunos, pois por várias vezes em sala teciam críticas sobre os candidatos que não se pronunciavam bem, que faziam suas propagandas com humor ou que prometiam demais. A partir dessas propagandas eleitorais, surgiu a ideia de se trabalhar com as paródias presentes nas charges com tema político. Sobre o discurso político legitimado, Pinto (2005, p. 79) diz

Quem, portanto é legítimo para enunciar o discurso político? Certamente, políticos eleitos são legítimos para falarem de política, mas também nós, cidadãos e cidadãs, somos legítimos para falar de política, propor, criticar, etc. Os locais diferentes de enunciação provocam efeitos diferentes de acordo com sua tradição e reconhecimento público. Nas últimas décadas, os partidos, as assembleias, os comícios e as rodas informais de discussão receberam uma poderosa companhia de mídia falada, escrita, televisiva, que deixou de ser um espaço onde o discurso político se expressa e passou a ser um espaço de construção de discurso. E não pode ficar esquecida aqui a Internet, que começa a ocupar importantes espaços nesta arena.

O discurso político ocupa na atualidade um espaço enorme na internet, mais precisamente nas redes sociais. Muitas charges veicularam em redes sociais como o *Facebook* que hoje é acessado por quase 100% dos alunos. Os enunciados contidos nas charges,

significaram pela exterioridade e pela língua. O sentido de uma palavra ou expressão "não existe em 'si mesmo' (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico" (PÊCHEUX, 2009, p. 146). Isso significa dizer que as palavras não têm uma relação transparente com a realidade, sendo o seu sentido determinado pelas posições ideológicas, podendo então mudar de sentido através dos gestos de interpretação dos sujeitos em cada situação. A princípio, foi trabalhada coletivamente uma charge que contêm as imagens de um leão e de um jumento. Em uma cena, aparece o leão protestando e em outra, o jumento votando.

NÃO ADIANTA REIVINDICAR COMO UM LEÃO
SE VOCE CONTINUAR A VOTAR COMO UM JUMENTO

Figura 7 - Paródia em charge com tema político trabalhada coletivamente

Fonte: In The Sky (2014)

Expressões como protestar "como um leão", votar "como um jumento", são exemplos dessa memória discursiva e da inscrição da língua na história. Um dos efeitos de sentidos da charge que contém a frase "Não adianta protestar como um leão se você continuar a votar como um jumento", traz a memória dos protestos feitos no Brasil meses antes das eleições e a chamada para o voto consciente. Segundo Orlandi (2010, p. 21) "a memória discursa é trabalhada pela noção do interdiscurso: 'algo fala antes, em outro lugar e independentemente.' Trata-se do que chamamos de saber discursivo. É o já dito que constitui todo o dizer."

Por vezes, percebemos um mesmo texto com olhares diferentes. Numa releitura é possível perceber que os efeitos de sentido podem mudar. Isso significa dizer que os sentidos de um texto serão atribuídos de acordo com o momento, com a situação e com o contexto

histórico. Os mesmos sentidos podem deslizar para outros novos. Essa é a tensão entre a paráfrase e a polissemia no espaço da interpretação.

Nas paródias, há esse movimento da significação entre a repetição e a diferença. Percebeu-se nas paródias de charges com temas políticos, essa volta ao mesmo, pois ela sempre remete a um fato, uma fala, uma expressão já dita antes, e abre o espaço para o novo no deslizamento dos sentidos. O enunciado "Não adianta reivindicar como um leão se você continuar a votar como um jumento", nos remete ao significado que as palavras "leão" e "jumento" têm e que já estão cristalizados na sociedade. O leão é feroz, forte e é o rei da selva. O jumento, por sua vez, é bobo, carrega cargas, é burro. Os sentidos, então, fazem o retorno à essa inscrição na memória discursiva, porém não deixam de trazer sentidos novos, quando fazem referência à expressão "reivindicar como um leão" e "votar como um jumento". No momento em que se entende que os animais só foram citados como ilustração, mas que a charge tem o objetivo de alertar os eleitores sobre o voto consciente, surgem então os novos sentidos - a polissemia.

Após o trabalho com a charge houve um debate em sala: "Voto: direito ou dever?" Em círculo, os alunos debateram temáticas como a venda de votos, o direito que os eleitores têm de acompanhar as ações dos candidatos eleitos, a importância de se analisar e avaliar as propostas dos candidatos à eleição, o que é de competência da Prefeitura, do Estado e do Governo Federal.

Os alunos analisaram outras três paródias com temas políticos, escrevendo quais efeitos de sentidos foram produzidos no momento da leitura. Seguem as análises das charges trabalhadas.



Figura 8 – 1ª Paródia em charge com tema político

Fonte: Folha De Tucuruí (2014)

Nas análises das charges das paródias, os efeitos de sentidos produzidos remeteram aos discursos já formulados, que circulam na mídia e que fazem parte do senso comum. Na primeira charge. No discurso dos alunos, circula o já-dito, os discursos repetidos feitos pelos pais e pela mídia em geral. Nessa charge intitulada "Vítimas da Sedução", há a generalização dos conceitos, pois a maioria dos alunos afirmou que "todos os políticos prometem e não cumprem". Pinto ao falar sobre discursos políticos, afirma (2005, p. 92)

Todo o discurso é um discurso de poder, na medida em que todos os discursos pretendem impor verdades a respeito de um tema específico ou de uma área da ciência, da moral, da ética, do comportamento, etc. Entretanto, o discurso político se destaca de todos neste particular, porque enquanto os outros tendem a deslocar seus desejos de poder, tornando-os opacos, o discurso político explicita sua luta pelo poder. Não poderia ser diferente, pois a explicitação de seu desejo de poder é o próprio discurso. Assim sendo, se distingue do discurso da mídia, na medida que esta última se opõe ao poder sob a denominação de objetividade da investigação.

Na atividade analisada, houve um deslocamento nos sentidos quando os alunos afirmaram que "algumas promessas são cumpridas" e que os políticos fazem isso para "disfarçar". Esse deslocamento também reforça as definições já feitas pelos adultos, uma vez que os alunos disseram já terem ouvido os pais ou alguém da família dizendo isso.

Para que o discurso faça sentido é necessário que já tenha sentido. "Esse efeito é produzido pela relação com o interdiscurso, a memória discursiva: conjunto de dizeres já ditos e esquecidos que determinam o que dizemos." (ORLANDI, 1988, p. 9)

A Análise de Discurso considera que a "língua se inscreve na história para significar", (ORLANDI, 1988, p. 10), portanto não há como conceber a língua sem a exterioridade. A língua é, pois, o lugar do equívoco, da falha e desse trabalho do inconsciente e da ideologia.

Esse movimento da significação - repetição e diferença — entre a paráfrase e a polissemia, possibilita a produção dos sentidos outros. Os sentidos produzidos por um texto estão sempre nessa tensão da paráfrase e da polissemia. Quando o sujeito lê um texto, os sentidos circulam à medida que o leitor vai fazendo essa ponte entre outros textos de diversas materialidades linguísticas, que serão o suporte histórico, a sua exterioridade. "Em termos discursivos teríamos na paráfrase a reiteração do mesmo. Na polissemia, a produção da diferença." (ORLANDI, 1998, p. 15)

Houve também alunos que usaram o seu discurso como forma de desabafo dizendo que os políticos são "muito safados"; observa-se então, mais uma vez a generalização. O discurso sedimentado faz com que vejam todos os políticos com o mesmo olhar, sem abrir brechas para as exceções. Os alunos disseram nas discussões em sala, assistirem ao Horário

Político e no momento da sua escrita, reproduziram o que viram no tocante às promessas feitas pelos candidatos das eleições 2014.

Figura 9 – 2º Paródia em charge com tema político



Fonte: Pires (2014)

Na segunda charge, que retrata a poluição auditiva em época de campanhas políticas, o discurso dos alunos remeteu a sentidos implícitos, pois além de falarem sobre a poluição auditiva, referiram-se também à poluição visual, dos cartazes espalhados pelos canteiros da cidade que atrapalham o trânsito, podendo causar até acidentes. Citaram a problemática da falta de aula um dia após as eleições, pelo fato de estarem as ruas e calçadas tomadas de papéis, bem como a porta da escola.

Um aluno mencionou em sua escrita, outros efeitos de sentido provocados por essa charge, falando sobre a compra de votos. Ou seja, de um ato ilegal - poluição auditiva, foi desencadeado outro ato ilegal cometido por muitos políticos em época de eleição. Orlandi, (1988, p. 11) fala sobre os implícitos na leitura, afirmando:

Quando se lê, considera-se não apenas o que está dito, mas também o que está implícito: aquilo que não está dito e que também está significando. E o que não está dito pode ser de várias naturezas: o que não está dito, mas que, de certa forma, sustenta o que está dito; o que está suposto para que se entenda o que está dito; aquilo a que o que está dito se opõe; outras maneiras diferentes de se dizer o que se disse e que significa com nuances distintas, etc.

E ainda,

[...] podemos dizer que há relações de sentidos que se estabelecem entre o que um texto diz e o que ele não diz, mas poderia dizer, e entre o que ele diz e o que os

outros textos dizem. Essas relações de sentido atestam, pois, a intertextualidade, isto é, a relação de um texto com outros (existentes, possíveis ou imaginários).

Houve ainda um aluno que escreveu seu discurso em primeira pessoa, como se estivesse falando diretamente com o candidato, explicando a ele o porquê que supostamente não teve o voto de um certo eleitor: "Ele não votou em você, porque você faz muito barulho e não precisa disso."

COMO É QUE SE CONJUGRO O VERBO ROUBRIR, MESMO?

ELE ROUBO, TU ROUBRIS, ELE ROUBRI, MOS ROUBRIMOS, VÓS ROUBRIS, ELES QUE SE DRINEM!

Figura 10 – 3° Paródia em charge com tema político

Fonte: Farias (2012)

A terceira charge mostra o que se pode considerar um "diálogo entre dois candidatos conjugando o verbo roubar". A ligação de sentidos entre as palavras "político" e "roubo" é reforçada na charge, sedimentando através dessa crítica, ainda mais os discursos que generalizam alguns conceitos.

Os alunos citaram o desvio de dinheiro púbico, já explicitando as consequências disso. Falaram sobre os problemas da falta de segurança, da educação precária, da saúde sem recursos, dos problemas na infraestrutura, dentre outros. A palavra "contrabando" apareceu na escrita de um aluno, estando nesse contexto, associada ao "roubo de impostos". O aluno já deve ter ouvido essa palavra, e sabendo referir ela a práticas ilegais, usou-a em seu discurso, embora não caiba adequadamente nesse contexto.

Ao lerem a charge, logo começaram a se manifestar oralmente tecendo críticas aos candidatos e exemplificando o seu discurso com fatos vivenciados sobre roubo e desvio de verbas ou notícias que veicularam na mídia em geral.

Uma frase escrita por um dos alunos "Os candidatos não pensam no povo, só pensam neles mesmos, só pensam em ficar ricos", revela o que é noticiado na mídia constantemente - políticos envolvidos em esquemas de corrupção. O discurso dos alunos mostrou o que

vivenciam no dia a dia em questões de falta de segurança, de saúde pública e de qualidade, bairro sem infraestrutura, asfalto de qualidade, dentre outros.

Todo esse conjunto linguístico formado pela linguagem verbal e não verbal, constituiu os sítios de significância - que traçaram e delimitaram os campos de significação - tornando possível aos alunos, no gesto de leitura, interpretar através dessas diversas materialidades.

Os sentidos atribuídos às charges remeteram ao já- dito em outros lugares e de outras formas por estar o sentido sempre em curso. Esse exterior constitutivo dos sentidos aponta a necessidade dos movimentos parafrásticos e polissêmicos - o mesmo e o diferente. Através dessa atividade foi possível deslocar os sentidos a partir do já-dito, ou seja, da memória do dizer.

3.3 Visita ao SESC ARSENAL: o contato com as várias materialidades linguísticas

No diálogo diário com os alunos, pude perceber que muitos deles têm a sua vivência restrita ao bairro onde moram e aos bairros circunvizinhos. Não conhecem lugares de lazer como museu, teatro, cinema ou shopping center, por exemplo. Alguns nunca haviam ido a um cinema ou visitado uma exposição de obra de arte, enfim, não tinham contato com as diversas materialidades linguísticas e contato com o lúdico.

Sabedora dessa realidade e que o SESC ARSENAL sempre dispõe de uma agenda que inclui atividades culturais voltadas inclusive para o público infanto-juvenil, uma aula de campo, para que após o contato com essas materialidades, os alunos tivessem um referencial para produzirem suas paródias, que constituía a atividade final do projeto.

No dia marcado deu-se a visita ao SESC ARSENAL. Logo na chegada, os alunos foram recebidos por uma monitora, que após recepcioná-los, apresentou a eles a história do SESC, chamado outrora de Arsenal de Guerra da Província de Mato Grosso, pois sustentava as atividades relacionadas à força militar. Através de uma permuta com o exército em 1989, o SESC adquiriu o prédio, abrindo suas portas para os artistas e a população, em agosto de 2001, como Centro de Atividades SESC ARSENAL.

Como se aproximava o dia 20 de novembro - Dia da Consciência Negra - o Cine SESC ARSENAL exibia filmes de curta-metragem sobre Direitos Humanos na 9º Mostra de Cinema e Direitos Humanos no Hemisfério Sul, (Secretaria de Direitos Humanos e Ministério da Cultura), cujo objetivo é difundir as obras que problematizam e abordam a questão dos direitos humanos de diversas formas.

Os alunos assistiram a seis filmes. Apresentamos a seguir, fragmentos das entrevistas com os produtores - uma pergunta com a respectiva resposta – e um breve comentário sobre o que trata cada filme. As figuras e entrevistas foram retiradas do site da 9ª Mostra de Cinema e Direitos Humanos no Hemisfério Sul e constam deste trabalho para apresentar sob que condições os filmes foram produzidos e quais questões dos direitos humanos são abordadas em cada um deles.

Figura 11- Filme Growing

Fonte: 9^a Mostra De Cinema e Direitos Humanos (2013)

Entrevista com Tariq Rimawi, Jordânia, 2013 Tema: Vítimas da guerra; violência; infância

por Felipe Fernandes

[...] Como se deu a construção narrativa calcada em metáforas? Seria uma forma de associar a temática do filme com a atmosfera infantil?

[...] O filme visa a sensibilizar crianças e pais sobre o risco desses brinquedos, pois eles oferecem paradigmas no desenvolvimento das crianças, incentivando que se tornem mais violentas. Esse filme pode fazer com que os espectadores, principalmente os pais, pensem em trocar esses brinquedos por outros mais úteis e educativos.

O primeiro filme, "Growing", é um desenho gravado na Jordânia e traz em linguagem metafórica a reflexão sobre o perigo de crianças brincarem com armas e jogos de videogame que simulam guerras. O personagem do filme é um menino que brincava com armas de

brinquedo e que quando adulto, se tornou um soldado utilizando metralhadoras em um cenário de guerra e destruição.

Segundo diz o produtor do filme, Tariq Rimawi, uma criança que manuseia uma arma de brinquedo terá menos dificuldade quando adulto, de manusear uma arma e com ela dizimar vidas. O objetivo do filme colocado por ele é fazer com que "os espectadores, principalmente os pais, pensem em trocar esses brinquedos (armas) por outros mais úteis e educativos." Como a história acontece num desenho animado em que o personagem não pronuncia palavras, as ações se tornam o cerne para a compreensão da sequência linear do filme. O desfecho de uma cena é desencadeado sempre pela anterior, remetendo à ideia de continuidade.

A cada cena exibida, era possível ouvir os comentários dos alunos que tentavam antecipar o que iria acontecer na próxima. Essa articulação entre as várias linguagens, verbal e não verbal, possibilitou a inserção do aluno no universo simbólico, fazendo com que fossem capazes de perceber e interpretar as imagens num filme, uma fotografia ou uma pintura.

O tema do filme fez com que refletissem e atribuíssem sentido às cenas que mostraram o poder de destruição das armas. Os próprios exemplos de mortes que ocorrem no bairro em que moram e que estão ligadas ao consumo de drogas, ao envolvimento em roubos e a outras práticas ilegais, são vistos por eles como um alerta. Parecem reconhecer e saber dos perigos, mas ao mesmo tempo, talvez por não virem outras opções acessíveis, deixam-se envolver em práticas ilícitas perdendo a vida precocemente.



Figura 12 – Filme Requília

Fonte: 9^a Mostra de Cinema e Direitos Humanos (2013)

Entrevista com Renata Diniz

REOUÍLIA - Renata Diniz, Brasil, 2013

Tema: Pessoas em situação de rua; infância

Assistindo a Requília podemos imaginar essa mesma história se passando em outras grandes cidades do Brasil, mas Brasília é um caso particular por seu sério problema de população em situação de rua. Você partiu dessa realidade para a construção do filme?

Também. A situação dos moradores de rua nas grandes cidades serviu literalmente como cenário do filme. A parada de ônibus representa isso: o descuido, o "não olhar", a situação que está na nossa frente, mas não queremos enxergar.

O segundo filme, "Requília", conta a história de um menino que todos os dias pega o ônibus com sua babá para ir à escola e no ponto de ônibus conhece um homem idoso, morador de rua, e com ele faz amizade. Após os olhares e gestos, os dois conversam e ali nasce uma amizade que ultrapassa as barreiras da faixa etária, da classe social e das diferenças. O nome do filme representa a fala do menino, que ao ouvir a palavra "relíquia", inverte as sílabas. Essa palavra nunca havia sido ouvida antes pelo menino e ele questiona o morador de rua sobre o significado dela.

O filme traz a reflexão sobre o olhar, a problemática das grandes cidades onde cada um vive a sua vida sem se importar com o outro, a invisibilidade dos moradores de rua que os governantes fingem não enxergar, ao mesmo tempo em que mostra o encontro de gerações, a lembrança e o tempo presentes na história. Renata Diniz, produtora do filme, coloca na entrevista a questão da temática do filme, "A situação dos moradores de rua nas grandes cidades serviu literalmente como cenário do filme." Na trama do filme, o mendigo faz um desafio ao menino pedindo que ele decifre uma charada. O menino passa o filme todo tentando adivinhar qual era a resposta.

Os alunos também foram envolvidos nessa trama tentando descobrir a resposta. No final, o morador de rua desvenda a adivinhação e os alunos, então, mencionam as suposições que haviam feito durante a exibição do filme. O levantamento de hipóteses sobre qual seria a resposta da adivinhação, apresentava-se no eixo do interdiscurso e intradiscurso - os dizeres já ditos e esquecidos eram associados ao que era dito pelo personagem naquele momento de exibição do filme, garantindo assim a formulação de outros significados.

Por interdiscurso compreende-se "o complexo das formações discursivas que também está afetado pelo complexo de formações ideológicas." (ORLANDI, 2010, p. 18). O sujeito não é a origem do seu dizer. Mesmo que tenha a impressão de que inaugurou um discurso qualquer, o fato é que "algo fala sempre antes em outro lugar e independentemente. O interdiscurso é constituído de todo dizer já-dito. Ele é o saber, a memória discursiva." (ORLANDI, 2010, p. 18).

Nos momentos de discussão em sala sobre a temática do filme, os alunos fizeram referência a moradores de rua que transitam nos arredores do bairro onde moram. A reflexão feita por alguns depois de terem assistido ao filme, girou em torno desse problema social. Enquanto uns consideram que a condição de morar nas ruas só depende do próprio mendigo, repetindo um discurso sedimentado que já ouviram alguém em algum lugar sustentar, outros já conseguem ver esse problema como algo que vai um pouco além da simples "vontade" do mendigo, atribuindo outros sentidos como a falta de oportunidades, as desigualdades sociais, o descaso dos governantes e outros.

Figura 13 – Filme Galus Galus

Fonte: 9^a Mostra de Cinema e Direitos Humanos (2013)

GALUS GALUS - Clarissa Duque, Venezuela, 2013

Tema: Pessoas em situação de rua

Entrevista com Clarissa Duque

Como surgiu o desejo de fazer um filme infantil de animação sobre a questão da miséria e da população de rua nas grandes cidades?

Desde pequena os mendigos me comoviam, eram personagens cheios de mistérios para mim, não apenas por viverem nas ruas, mas pelas suas necessidades afetivas. Quando cresci, continuei observando essas pessoas, e percebi que

muitos trabalhavam com coleta de lixo, e, para mim, isso os transformava em médicos do planeta. A maioria desses indigentes não estava sozinha, tinham ao seu lado um bichinho de estimação com o qual mantinham uma linda relação de amor e lealdade. Galus Galus foi inspirado por um mendigo de Caracas, que tinha um cachorro como sua família. Um dia encontrei esse mendigo comprando comida de cachorro num supermercado, aquele homem que não tinha nada para comer dava ao cachorro todo o seu amor! Isso me comoveu de uma forma que me fez escrever Galus Galus.

"Galus Galus", o terceiro filme, conta através de desenho animado a história de um homem que um dia teve uma família, uma casa e que, atualmente, mora nas ruas e sobrevive catando comida e objetos do lixo. Certo dia, ele encontra no lixo um galinho com quem cria um laço fortíssimo de amizade e a alegria de viver volta a tomar conta do personagem. Quando ele se vê separado do galo, faz o possível e o impossível para recuperar seu amigo fiel. A trama do filme contém muita ação, e foi por isso muito envolvente para os alunos que vibraram quando o homem consegue resgatar o galinho.

A amizade que é bastante valorizada pelos alunos, influenciando para que torcessem pelo galinho e pelo morador de rua. Na adolescência, a amizade é um fator importante para a formação dos círculos de amigos na escola, nas redes sociais pois o jovem tem a necessidade de ser aceito. O sentido de lutar pelo bem, para que a história tenha um final feliz está de certa forma interiorizada nas crianças e adolescentes, sendo essa a sua reação no decorrer do filme. Os alunos relataram com repúdio, casos de maus tratos contra animais que presenciam próximo às suas casas e em suas próprias casas, muitas vezes pelos pais alcoólatras.



Figura 14– Filme Meu amigo Nietzsche

Fonte: 9^a Mostra de Cinema e Direitos Humanos (2013)

MEU AMIGO NIETZSCHE - Fáuston da Silva, Brasil, 2013 Tema: Infância

por Luana Farias

Comente sobre as possibilidades de reflexão acerca dos Direitos Humanos no Brasil que seu curta pode proporcionar.

O filme Meu Amigo Nietzsche é uma comédia que aborda temas comuns aos grandes centros urbanos do Brasil e do mundo: o analfabetismo funcional, a educação como elemento transformador, a valoração intelectual de cada ser humano, a timidez das instituições de educação, o preconceito velado e a infância (com seu lúdico e sua inocência que não conhecem fronteira econômica). [...]

No quarto filme, "Meu amigo Nietzsche", o menino Lucas, personagem principal, tem um encontro com Nietzsche e nunca mais é o mesmo. Na escola ele estava com notas baixas porque não sabia ler; a professora o chama e diz que se não aprender a ler, será reprovado. Ao sair da escola, ele vai até um lixão e encontra um livro de Nitzsche e começa a trilhar o caminho da leitura e das descobertas. Lucas curioso pergunta à mãe o significado de algumas palavras e expressões contidas no livro e ela fica preocupada indagando por que o menino "quer saber demais".

Após ler o livro pela terceira vez, Lucas não só aprende a decodificar, mas a significar se tornando um revolucionário na escola e na sociedade. A professora se assusta com as boas notas de Lucas no final do ano e com sua tremenda transformação. É possível ver, através das descobertas de Lucas, os efeitos de sentidos e a circulação dos mesmos, a linguagem e seu funcionamento através da prática da linguagem, a língua enquanto trabalho simbólico que faz e dá sentido, constituindo o homem e sua história. A Análise de Discurso "procura compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, por parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história." (ORLANDI, 2000, p. 15).

E continua

Por esse tipo de estudo se pode conhecer melhor aquilo que faz do homem um ser especial com sua capacidade de significar e significar-se. A Análise de Discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. Essa mediação, que é o discurso, torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive. O trabalho simbólico do discurso está na base da produção da existência humana.

Os relatos dos alunos se embasaram no fato do menino aprender a ler num livro sujo, sem figuras, enfim, "nada atraente para crianças", ao ver deles. O fato de não conhecerem Nietzsche, impediu que fizessem a ligação entre o filósofo e os questionamentos feitos pelo

menino após ler o livro, uma vez que os sentidos não são produzidos pelo sujeito, mas em outro lugar, anterior e externo a ele. Sobre as formações discursivas, Orlandi (2000, p. 43-44) afirma:

As palavras falam com outras palavras. Toda palavra é sempre parte de um discurso. E todo discurso se delineia na relação com outros: Dizeres presentes e dizeres que se alojam na memória. As formações discursivas podem ser vistas como regionalizações do interdiscurso, configurações específicas dos discursos em suas relações. O interdiscurso disponibiliza dizeres, determinando, pelo já-dito, aquilo que constitui uma formação discursiva em relação a outra. Dizer que a palavra significa em relação a outras, é afirmar essa articulação de formações discursivas dominadas pelo interdiscurso em sua objetividade material contraditória.

Nas cenas engraçadas do filme, foi possível vê-los rindo, interagindo e antecipando-se às cenas seguintes mostrando que os sentidos foram produzidos ao longo do filme.



Figura 15 - Filme Sanã

Fonte: 9^a Mostra de Cinema e Direitos Humanos (2013)

SANÃ - Marcos Pimentel, Brasil, 2013 Tema: Infância

por Felipe Fernandes

Sem optar por uma abordagem denunciativa, o filme discute de maneira bem sutil as dificuldades enfrentadas cotidianamente pela população albina. Como você avalia a importância da visibilidade de pessoas albinas numa mostra de cinema e direitos humanos?

Sanã não tem para onde fugir. Vive em uma ilha coberta por areais. Está cercado de água e areia por todas as partes. A ausência de vegetação leva também à ausência de sombras, o que piora em muito a situação de um albino

que habita aquele lugar. No final do filme, ele reproduz a mesma ação que aprendeu com os caranguejos, enterrando-se da forma que pode. Acho uma imagem muito significativa para alguém que não tem como fugir daquele lugar.

"Sanã", o quinto filme exibido, tem como título o nome de um menino que é o personagem principal e vive do interior do Maranhão em uma comunidade de pescadores isolada. Sanã tem sua forma particular de interagir com o lugar onde mora e com a paisagem que o rodeia. O nome desse menino deu o título ao filme que narra seu dia a dia e suas brincadeiras solitárias em meio a areia e o mar.

Nesse filme não se ouvem palavras. De acordo com o produtor Marcos Pimentel, a intenção é mostrar os sons da natureza como os ruídos do mar, o som do vento, o som dos passos do menino na areia e o canto dos pássaros constituindo assim uma musicalidade com a paisagem do lugar onde o filme é gravado. Sanã é albino que não conhece outra realidade senão o sol, a areia e o mar e não tem para onde fugir. Mostrar as dificuldades de uma pessoa albina que habita um lugar como o retratado no filme, também é o objetivo de Marcos Pimentel.

O filme finaliza com a cena em que Sanã enterra a sua cabeça na areia. Esse gesto trouxe aos alunos a tensão sobre o que teria acontecido a ele. Teria ele suicidado? Por que Sanã fez isso? Após a exibição do filme, ouvia-se esse questionamento feito pelos alunos. Cada aluno apresentava uma hipótese sobre o porquê o filme terminou mostrando o personagem enterrando sua cabeça na areia. Via-se ali, as várias possibilidades de sentidos em circulação, pois não se estava exigindo dos alunos evidência dos sentidos, por ser a língua opaca na produção de efeitos de sentidos. A respeito da não transparência da língua, Orlandi (2000, p.17-18) afirma

A Análise de Discurso considera que a linguagem não é transparente. Desse modo ela não procura atravessar o texto para encontrar um sentido do outro lado. [...] Ela produz um conhecimento a partir do próprio texto, porque o vê como tendo uma materialidade simbólica própria e significativa, como tendo uma espessura semântica: ela o concebe em sua discursividade.

Na interpretação há "gestos", porém nunca algo que se fecha. Os sentidos sempre podem ser outros, pois a linguagem é opaca e esses gestos de interpretação acontecem porque o espaço simbólico é marcado pela incompletude.

Figura 16 – Filme Quilombo da Família Silva



Fonte: 9^a Mostra de Cinema e Direitos Humanos (2013)

QUILOMBO DA FAMÍLIA SILVA - Sérgio Valentim, Brasil, 2012 Tema: População negra

por Daniel Nolasco

Você acha que os conflitos gerados pelo fato do Quilombo da Família Silva estar situada em uma das regiões mais valorizadas de Porto Alegre, e as tensões sociais e raciais que essa proximidade provoca, pode ser interpretada como um microcosmo dos conflitos raciais dentro da capital gaúcha?

Sem dúvida pode e deve ser interpretada dessa forma. O Rio Grande do Sul vive muito esse conflito velado com as pessoas de pele negra, devido ao racismo ser ainda uma instituição muito forte na sociedade gaúcha e no mundo, na verdade. Ao contrário do que se difundiu por anos, os gaúchos são mais africanos que europeus em vários aspectos culturais que apenas estão invisíveis ou foram camuflados, pois Porto Alegre, por exemplo, tem mais casas de religião africana do que Salvador. A capital gaúcha hoje tem cinco quilombos urbanos titulados e reconhecidos pelos órgãos governamentais. A Frente Quilombola do RS estima que exista mais de 500 quilombos em todo o estado, sendo que 180 deles em processo de reconhecimento e ainda não tem o título da terra. [...]

O sexto filme, um documentário, "Quilombo da família Silva", conta sobre a luta de uma família descendente de quilombolas que se estabeleceram próximo ao centro de Porto Alegre há quase cem anos, sendo esse o primeiro quilombo urbano reconhecido e titulado do Brasil. O fato do quilombo da família Silva estar hoje localizado em uma área nobre de Porto Alegre suscitou esse conflito que já se arrasta por anos, pois o Rio Grande do Sul vive esse preconceito velado com os negros.

Esse preconceito existente no Brasil resulta de atributos negativos empregados à etnia negra desde a escravidão. Existe um preconceito implícito que se arrasta desde então de diversas formas. Ele está presente na literatura, nas artes, nos jargões e principalmente na

mídia. Muitos são interpelados por esse preconceito e o reproduzem na sociedade. É papel da escola trabalhar a diversidade. As Orientações Curriculares³ (OCs) trazem no volume *Diversidades Educacionais*, ações de trabalho interdisciplinares a serem desenvolvidas na escola. Segundo Carvalho (2000) apud Secretaria de Estado de Educação (2012),

Se as desigualdades raciais são fruto de uma construção social, é importante saber como isso é atualizado cotidianamente na sociedade em geral e na educação em especial, pois as diferenças usadas para discriminar as pessoas e excluí-las da participação democrática, do modo de produção, intencionalmente ou não, representam a face do racismo, produzido e reproduzido na contemporaneidade.

Nos dias que antecederam a data de 20 de novembro, a escola trabalhou com o Projeto da Consciência Negra. Trouxe então uma reflexão sobre esse filme exibido no CINE SESC. A questão do racismo ainda é muito patente em nosso país e no mundo. Muitos alunos relataram casos de racismo dos quais foram vítimas ou alguém da sua família. Nota-se na escola que os alunos mulatos não se assumem como negros, afirmam ser pardos. Essa não aceitação da sua própria identidade é o resultado do que a mídia propaga como "padrão de beleza" em suas novelas, no jornalismo, nos programas de entretenimento, enfim, em sua programação exibida diariamente

Ainda no SESC ARSENAL, após assistirem aos filmes da 9º Mostra de Cinema e Direitos Humanos, os alunos receberam uma cédula para votar no filme que mais gostaram. Embora, tendo o voto, caráter secreto, foi possível vê-los dizendo em qual filme votariam, como forma de persuadir os colegas a também votarem nos mesmos filmes. Os que externaram o nome do filme em que votariam, mostraram gostar mais dos desenhos animados - Growing e Gallus Gallus.

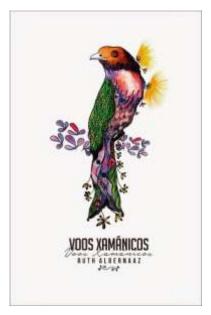
No momento da votação foi possível observar que os alunos se posicionaram como sujeitos participativos nesse processo, que se sentiram parte daquele universo que para eles parecia tão distante até então. Para eles, esse momento foi de extrema importância, pois foi como se a sua voz pudesse ser ouvida e ganhasse notoriedade, repercutindo na sociedade e na história.

_

³ Pressupõem uma ação política de caráter epistemológico que leva em consideração a ideia de que o currículo é uma construção de conhecimentos voltada para a formação humana, resultante de uma mediação sóciohistórica e cultural. (Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso. Cuiabá: SEDUC -MT, 2010).

Figura 17- Folder - Exposição de Artes Plásticas "Voos Xamãnicos".

Ruth Albernaaz



Fonte: Pinto (2014)

Na mesma tarde em que assistiram aos filmes no SESC ARSENAL, os alunos também visitaram a Exposição de Artes Plásticas "Voos Xamãnicos", por Ruth Albernaaz, artesã, bióloga e artista plástica, nascida em Chapada dos Guimarães, Mato Grosso. A artista utiliza para suas composições elementos da biodiversidade do cerrado, em pinturas e colagens sobre papel artesanal, onde a imagem e a poesia se unem para representar a natureza, através pássaros de diversas espécies, tomando-se como base os biomas de Mato Grosso. Essa exposição apresenta pássaros imaginários que remetem ao poder mítico de povos ancestrais que habitaram os ecossistemas da nossa região.

Foi possível observar os alunos deslumbrados nesse contato com o novo, com sua inserção num mundo que, até então, só haviam visto na televisão. Eles não se cansavam de fotografar as obras e de se fotografarem também, como forma de registro, eternizando em imagens aqueles momentos inesquecíveis. A cada obra apreciada lidavam com uma nova surpresa e ao mesmo tempo teciam comentários e registravam em fotografias.

O ambiente diferente daquele que convivem propiciou esse momento histórico e único. Esse contato com as diferentes formas de linguagem possibilitou a relação do aluno com o universo simbólico, uma vez que a linguagem não será apenas considerada como transmissora de informação, mas como "mediadora (transformadora) entre o homem e sua realidade natural e social." (ORLANDI, 1988, p. 38)

Visitaram, ainda, no mesmo lugar, a "Exposição de livros mutantes" feita com obras de escritores brasileiros como Ana Maria Machado, Ruy Castro, Moacyr Scliar e outros, cujo objetivo era apresentar essas obras como livro-objeto, pois elas foram desconstruídas e transformadas em obras concretas, conferindo um novo significado e novos olhares. Quatro artistas fizeram esse trabalho de recriação, Ludmila Porto, Sofia Jajam e Ana e Carolina Koyama. Em cada recriação havia fragmentos dos livros cortados, enrolados, trançados e colados formando objetos que mesmo sendo abstratos, lembravam outros conhecidos pelos alunos. O efeito do concreto possibilitou-lhes atribuir sentidos aos livros modificados pela arte. Muitos dos alunos disseram achar muito criativa essa exposição, pois eles nunca imaginaram que se pudesse transformar um livro em algo como viram. A ideia de se criar a partir de alguma coisa já existente, conferindo um novo sentido, foi concebida por eles como possível.

3.4 Paródias de músicas e autoria

A autoria, sob o viés discursivo, "se realiza toda vez que o produtor da linguagem se representa na origem, produzindo um texto com unidade, coerência, progressão, não-contradição e fim." (ORLANDI, 2012, p. 69). Na escola, desde os anos iniciais, o aluno é instigado a produzir textos, que na maioria das vezes se fecham para novos sentidos. É bem verdade que ao ingressar na escola, o aluno já produz textos orais, devendo a escola fazer essa ponte entre a oralidade e a escrita.

O livro "Escola Ciclada de Mato Grosso: novos tempos e espaços para ensinar – aprender a sentir, ser e fazer" (Mato Grosso, 2001, p. 38) traz a afirmação que "hoje, torna-se urgente pensarmos a educação escolar cada vez mais comprometida com a vida social e cultural [...] Os conteúdos não podem mais ser ensinados como conhecimentos abstratos [...] Os alunos devem sempre ter o contato com o lúdico."

Na visita ao SESC ARSENAL, os alunos tiveram esse contato com diversas materialidades simbólicas ao participarem dos jogos, dos filmes, das exposições e outros que não fazem parte do seu cotidiano. Nas paródias, é possível ver essa reiteração para constituir o novo. A forma de enunciar em um novo espaço e em um novo momento confere a originalidade da produção escrita.

Sobre a autoria, Orlandi (2000, p. 76) diz: "Como autor, o sujeito ao mesmo tempo em que reconhece uma exterioridade à qual ele deve referir-se a ele também se remete à sua interioridade, construindo desse modo sua identidade como autor."

Retomando a questão da produção de paródias, que foi o produto do projeto, cabe salientar aqui a importância da tecnologia, uma vez que cada aluno utilizou o aparelho celular para pesquisar e escolher com qual música produziria o trabalho. Houve um momento em que cada um queria criar a sua própria paródia. Depois, eles mesmos perceberam que em grupo esse trabalho se tornaria mais eficiente, uma vez que diferentes ideias, muitas vezes constroem algo melhor. Deixei então livre o número de alunos por grupo para que estes fossem formados de acordo com a necessidade vista por eles.

Houve alunos que quiseram participar de mais de um grupo. Esse processo de construção levou o tempo de dez horas/aulas. Por algumas vezes, os grupos vinham até a mim perguntar se esta ou aquela palavra caberia na paródia, ou se eu tinha sugestão de outras. Quando haviam já feito um trecho, antes de continuarem, queriam que eu os ouvisse cantando para "avaliar" se estava "bom". Fica claro com esse gesto o que ainda está internalizado na escola, no que diz respeito ao discurso do professor que é visto como alguém que tem "autoridade" e que deve ter sua palavra final.

No discurso pedagógico, que é considerado como um discurso autoritário, estão implícitas as formações imaginárias das funções que o professor tem, dentre as quais, "ensinar", seria uma delas. Como cita Orlandi (2003, p. 17), há vários sentidos ligados ao verbo ensinar "informar, explicar, influenciar ou mesmo persuadir, ensinar ainda aparece como inculcar."

Na escola, o discurso pedagógico ainda é visto e considerado muitas vezes como um discurso não passível de equívocos, um discurso soberano que detém o poder de dar a última palavra. Os alunos demonstram estarem ainda afetados pelo autoritarismo que tal discurso confere, deixando de lado, por muitas vezes o seu discurso de autor, para revestir-se do discurso do professor, ficando desse modo, a autoria prejudicada.

É preciso que os nossos alunos tenham o contato com outros ambientes de aprendizagem, pois ter um celular de última geração não é suficiente para garantir que se tenha acesso a diferentes materialidades linguísticas. O mundo virtual não substitui o presencial em relação à necessidade de se conhecer outros espaços de convivência para a aprendizagem.

Na escola, quando os alunos recebem a proposta para produzir um texto, queixam-se muito, afirmando que não sabem escrever, fazendo referência à escrita padrão. E depois,

pensam que sua escrita não circulará, pois é comum os professores corrigirem o texto, devolverem aos alunos e o texto morrer ali. Há ainda casos de professores que solicitam que os alunos produzam uma redação e não lhes devolve. Produz-se o texto somente para ser avaliado, receber uma nota, mas nunca para circular. Nossas escolas não fazem o uso desse recurso. Muito raramente os alunos produzem textos para participarem de concursos de redação e, somente nesses casos, o texto sai do ambiente escolar.

A escola deve ser o lugar onde as produções circulem. Hoje, com a acessibilidade à internet, às redes sociais, torna-se mais fácil esse trabalho de fazer circular a escrita dos alunos. As redes sociais podem e devem ser também um espaço de publicação das produções escolares. Através dos blogs, sites, Youtube e outros, a escrita produzida no ambiente escolar deve ter notoriedade, uma vez que há uma preocupação maior dos alunos em apurar a sua escrita quando ficam sabendo que esta circulará.

Todo trabalho que é valorizado incentiva o autor. Eis a questão crucial que poderá mudar o rumo das nossas escolas na questão da autoria. Fazer circular as produções dos alunos, considerando que "a autoria está ligada ao trabalho com a equivocidade da linguagem e o texto é um espaço de autoria." (LAGAZZI-RODRIGUES, 2010, p. 85)

A temática relacionada aos direitos humanos, pela qual os alunos foram interpelados durante a execução do projeto, foi a mais forte nas paródias produzidas, que versaram sobre a paz no mundo, o amor, a família, a cooperação dentre outros. A própria vivência dos alunos inseridos numa cidade e mais ainda, num bairro violento, foi a possível causa para essa escolha. Tudo leva a crer que eles foram motivados por esse meio, pelas experiências de violência das quais já foram vítimas. Por estarem inseridos num ambiente de conflitos, onde a violência impera, poderia se esperar que nas letras das paródias fizessem apologia às drogas ou destacassem as palavras de baixo calão que fazem parte do vocabulário usado por eles.

Ocorreu, entretanto, o contrário. Os valores e atitudes que parecem já terem se perdido, foram as palavras-chaves das paródias. Isso mostra o que almejam e pelo que clamam. Muitos desses jovens que entram ou que já estão no mundo do crime, alguns ex-alunos da escola Vasti Pereira da Conceição, se veem na maioria das vezes, sem saída. Falta-lhes oportunidade de ver que a vida vai bem além do bairro em que moram.

Cabe aqui relatar que na Semana da Criança, no mês de outubro, a escola realizou um evento comemorativo para proporcionar divertimento aos alunos, homenageando-os por seu dia. No meio da manhã, num momento em que os alunos se encontravam no pátio da escola, participando de diversas oficinas, foram ouvidos seis tiros disparados bem em frente à escola. Um homem que se encontrava dentro de um carro estacionado nas proximidades, fora

assaltado e como resistiu, os assaltantes dispararam contra ele seis vezes, atingindo-o. Após levarem o seu carro, deixaram-no caído em frente à escola. Coube à escola na pessoa do coordenador Edher Allyson Weber Taveira e da diretora Clarice Martinha das Chagas chamarem a ambulância para que o homem fosse socorrido. A festa das crianças acabou repentinamente.

No trajeto da vinda para a escola, muitos alunos já foram vítimas de assalto e tiveram seus aparelhos celulares roubados. Por isso a temática escolhida para as paródias se justifica, pois, se tratava dos seus anseios enquanto cidadãos e dos direitos de morar num bairro onde pudesse andar tranquilamente pelas ruas.

No momento da produção das paródias, os grupos escolheram músicas de Victor e Léo, Banda Malta, Luiz Gonzaga, Michel Teló, Leandro e Leonardo e Luan Santana. Os efeitos metafóricos nas produções oportunizaram os deslizamentos de sentidos e a produção de gestos de interpretação.

Alguns trechos dessas músicas escolhidas não sofreram alteração, mas mesmo assim tiveram deslocados os sentidos das letras originais. A paródia produzida pelos alunos com o título "A paz", feita com a melodia da música de Leandro e Leonardo, "Pense em mim", traz um exemplo desse deslocamento dos sentidos. Tanto a música quanto a paródia iniciam-se com o verso "Em vez de você ficar pensando", porém, logo há o deslocamento. A música continua os seus versos dizendo "nele" e a paródia diz "em guerra", remetendo a um novo sentido. Como diz Orlandi (2003, p. 27), "há um retorno constante a um mesmo dizer sedimentado - a paráfrase- e de outro, há uma tensão que aponta para o rompimento. A polissemia é essa força na linguagem que desloca o mesmo, o garantido, o sedimentado."

No decorrer da produção das paródias, os alunos perguntaram se teriam que apresentálas à comunidade escolar. Foi dito a eles que se fizessem um trabalho dessa dimensão que não ficasse conhecido por todos, teria sido em vão tanto esforço, pois o trabalho morreria sem que ninguém soubesse da sua existência.

Hoje, os meios tecnológicos têm favorecido a inserção dos alunos em redes sociais, salas de bate papo, uso de aplicativos em aparelhos celulares para baixar músicas e vídeos, enfim são múltiplas as oportunidades que escola a tem de aliar-se a essa tecnologia e fazer circular as produções dos alunos. Segundo Coscarelli & Ribeiro (2005 apud Araújo, 2009, p. 17) "a internet não é nenhuma ameaça para a língua, visto que apenas amplia as possibilidades de seus usos e, portanto, pode e deve ser objeto de reflexão na escola."

Os alunos concordaram em realizar a apresentação, desde que se realizasse no período vespertino, período em que estudam os alunos do Ensino Fundamental I, não queriam ser

criticados pelos colegas do Ensino Fundamental II. Ainda há na escola esse medo da rejeição, da crítica dos colegas, enfim, o receio de se apresentar em público, uma questão que deve ser muito trabalhada na escola. Os alunos não estão acostumados a serem autores. Quando produzem um texto, têm receio até de que os outros colegas vejam o que produziram. Esse medo da não aceitação é tão grande que muitos querem que seus textos fiquem, na hora da entrega ao professor, por baixo de outros textos para que não sejam lidos no ato da entrega.

Por muitas vezes, justificam ao professor o porquê de sua "má" escrita, julgando eles mesmos estar o texto "mal elaborado". É até contraditório esse fato da exposição em público, uma vez que esses mesmos alunos se expõem todos em dias nas redes sociais, exibindo fotos que revelam sua privacidade e postando frases que falam sobre a vida particular; isso eles fazem sem nenhuma preocupação. Nota-se então que o que temem na verdade é serem considerados "quadrados" pelos colegas, num mundo onde o "esperto e malandro" têm mais vantagens.

Houve tempos em que os alunos de destaque eram os mais estudiosos, os que tiravam as melhores notas, enfim, os que se destacavam positivamente. Com a inversão dos valores, o que muitos desejam não é o conhecimento, haja vista ser hoje um grande desafio para o professor a atenção dos alunos nas aulas. Vivemos hoje a época do vale-tudo, em que colar e tirar notas boas torna-se mais vantajoso que estudar para adquirir essas mesmas boas notas. E isso não ocorre só na escola. A sociedade em geral vive essa inversão de valores, do querer se dar bem sem esforços, pois é "mais cômodo".

O evento "Festival de Paródias" foi agendado juntamente com os alunos envolvidos e a coordenação da escola, enfatizando qual seria o dia mais propício devido às aulas já estarem às vésperas do encerramento. Os alunos confeccionaram os convites para serem distribuídos no período vespertino e os cartazes que foram fixados nos murais da escola.

Após uma semana de ensaio, foi realizada então, a apresentação. Houve 99% (noventa e nove) de participação dos alunos envolvidos. Apenas um aluno recusou-se terminantemente a apresentar. Ele compareceu ao evento prestigiando os demais colegas somente como ouvinte.

Na abertura do Festival fiz um breve histórico sobre como o trabalho foi realizado, sobre cada atividade realizada até a culminância. A apresentação ocorreu no pátio da escola, no momento da acolhida, antes dos alunos entrarem nas salas. Por falta de espaço com sombra, os alunos, professores e funcionários que assistiram permaneceram em pé podendo depois votar na paródia que mais gostaram. Apesar da má acomodação, a comunidade escolar participou, envolveu-se aplaudindo, votando e dando assim o retorno esperado.

Os alunos que apresentaram foram incentivados a virem bem arrumados e limpos para que sentissem mais confiança, pois a aparência também é importante para a autoestima. Ao final das apresentações, os alunos foram bastante aplaudidos, sendo parabenizados por vários professores e colegas.

As fotos foram postadas primeiramente no meu Facebook e depois no da escola. A maioria dos alunos e professores tem conta nessa rede social, sendo possível a visualização das postagens. O retorno foi positivo, podendo-se notar um número significativo de curtidas e elogios ao projeto. Muitos amigos que não fazem parte da comunidade escolar também prestigiaram as fotos, tecendo comentários sobre o projeto. Alguns diziam que esse projeto ficaria marcado para sempre, que sem perceberem, quando se davam conta estavam cantando as paródias em casa e em outros lugares. Uma aluna perguntou-me se eu não tinha outro "projeto assim legal" para trabalhar com eles e, ao final do ano, já se preocupavam com o fato de quem seria a professora de Língua Portuguesa no próximo ano.

Não há como negar que um trabalho que envolve as várias materialidades linguísticas tem mais resultados positivos na leitura e escrita, pois há um maior envolvimento dos alunos. O desafio de ser professor de Língua Portuguesa no século XXI envolve as questões do trabalho com a linguagem verbal e não verbal, uma vez que as imagens, por exemplo, são muito mais usadas nesse mundo tecnológico. A leitura dos símbolos, das imagens dos aplicativos, dos jogos de vídeo games, e outros, são hoje o que constitui o universo do aluno.

Após a distribuição das cédulas nas salas de aula, houve a apuração dos votos no mesmo dia. O grupo vencedor foi o que parodiou a música da Banda Malta "Diz para mim." No diálogo com os grupos, foi reforçada a questão de que o objetivo dos votos foi apenas para termos uma noção do que o público sentiu e como reagiu às apresentações; que não ocorreu para determinar se um grupo foi melhor ou pior, nem para criar dissensões entre os grupos. Nessa oportunidade os alunos falaram sobre as várias formas de escrita e sobre os múltiplos sentidos de um texto, no caso, o que foi escrito por eles.

As paródias produzidas pelos alunos foram escritas em cartazes e fixadas nos murais da escola, para que todos tivessem acesso às letras. O fato de o aluno se ver e sentir-se um autor, favorece sua inserção no universo da escrita, uma vez que se derruba a barreira considerada pelo aluno como intransponível, vindo a autoria a fazer parte da escola. Não há que se negar, porém, que a escrita exige cuidados, já que as palavras guardam nelas o silêncio e têm a força de dizer além do que ali está escrito, trazendo à tona o dito e não dito. A importância de saber escrever foi trabalhada o tempo todo no desenvolvimento do projeto.

Há a necessidade da ressignificação das nossas práticas em sala de aula. Escrever não consiste em uma simples transcrição da fala. A escrita deve sempre ser mais cuidada, fornecendo ao leitor, elementos suficientes para a compreensão. Há a necessidade do gesto de repensar o que se escreve, pela ausência do interlocutor imediato no momento da escrita e pela ausência de quem escreveu, na hora da leitura. "O trabalho com a linguagem escrita se iguala ao ofício de um tecelão. Este precisa tecer de forma ordenada e cuidadosa para que dos fios não resulte um conjunto caótico de cores e desenhos. Quanto mais cuidadoso é esse trabalho, mais o resultado é visível." (RIOLFI, 2008, p. 121)

Os alunos foram parabenizados por seu envolvimento, não só nas apresentações, mas no percurso de todo o projeto. O coordenador pedagógico Edher Alysson Weber Taveira fez uma fala final ressaltando a importância do projeto desenvolvido, bem como a necessidade de outros projetos como esse, visando resultados positivos na escrita e leitura e consequentemente da aprendizagem.

Como um encerramento lúdico, foi agendado no SESC BALNEÁRIO, um dia de lazer para os alunos, com tudo pago, lanche, almoço e transporte. As fotos do clube foram anteriormente postadas no Facebook, destacando as áreas de jogos, cantina e piscina, com a finalidade de conhecerem o clube e se prepararem para o passeio. No dia 11 de dezembro foi realizado o passeio ao SESC BALNEÁRIO, localizado na Avenida Dr. Meirelles, s/nº, bairro São João D'Rei. O trajeto constituiu para eles um acontecimento; foi visível a empolgação com as construções, avenidas, com o rio da cidade, com o trânsito, enfim, tudo parecia novo aos seus olhos. Pela manhã tiveram acesso à piscina e lancharam. Após o almoço, aproveitaram a área de jogos e retornaram à piscina, tendo depois um outro lanche próximo ao momento do retorno. Os momentos foram registrados em fotos por mim e por cada um deles através dos aparelhos celulares.

Esse acontecimento que envolveu o antes, o durante e o depois, ainda é comentado e relembrado por eles na escola. Toda a preparação e as expectativas surgiram antes do dia da realização do evento. Não é comum aos alunos de um bairro periférico ter um *day use* em um clube. Quando indagados sobre a regularidade com que iam passar um dia de lazer em um clube, a maioria afirmou nunca ou muito raramente ter ido. Por esse motivo a empolgação tomou conta deles desde o dia em que foram informados sobre o evento.

O dia 11 de dezembro foi marcado por esse evento trazendo consigo esse peso até hoje. Os alunos ainda relembram esse evento e quando se referem a ele fazem referência ao dia e ao mês. Fica claro então, que esse dia não foi só mais um dia normal como todos os

outros, mas sim foi o dia em que foram ao clube e se divertiram vivendo experiências novas que fizeram de cada momento, único e especial.

Nas semanas que antecederam o passeio, eles contavam os dias para chegar a data tão esperada por eles. Sempre os ouvia verbalizando em sala quantos dias faltavam para o evento. Falavam também sobre o que iriam levar, sobre que roupas iriam usar e o que fariam lá. Nesses dias, foi possível notar que até para desenvolverem as atividades de leitura e escrita em sala estavam mais animados. Professores de outras áreas comentaram que determinados alunos que dificilmente faziam as tarefas, estavam diferentes copiando e desenvolvendo as atividades propostas.

Cabe salientar então a importância de atividades realizadas em outros espaços de aprendizagem, como aulas de campo, visitas técnicas, visitas às feiras de ciências e à exposição de obras de arte, cinema, teatro, e até mesmo a promoção dessas atividades no âmbito escolar, como por exemplo, formação de grupos de teatro, de coral, de danças e outras atividades que envolvam os alunos e os incentivem a quererem aprender de uma forma mais dinâmica.

Os momentos no clube foram vivenciados pelos alunos com intensidade. Alguns deles foram registrados em fotos que comprovam isso. Alguns chegaram a expressar que não queriam mais que esse dia acabasse e que se houvesse jeito, queriam voltar ali mais vezes. Em um dado momento no clube, um aluno veio até a mim para agradecer-me por ter proporcionado a eles aquele dia tão especial e único. Em resposta, eu disse a eles que mereciam isso e muito mais.

Através das redes sociais, os alunos expressaram com as postagens de fotos e comentários, o quanto se surpreenderam com esse dia e como esse passeio ficará marcado em suas vidas. Sempre que se lembrarem do Projeto de Paródias com Músicas, lembrar-se-ão também desse momento lúdico, que foi concedido para causar o "efeito de fecho" do projeto de intervenção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A autoria trabalhada no desenvolvimento do projeto com paródias de músicas foi constituída a partir das diversas materialidades linguísticas, que incluíram as linguagens verbal e não verbal como o desenho, a pintura, a música, a dança e as produções imagéticas e fílmicas.

Sendo a autoria ainda pouco praticada na escola, cabe refletirmos sobre a importância da constituição do aluno como autor, não restringindo a sua produção somente ao ambiente escolar, mas fazendo circular o seu texto para além da escola. A dificuldade ainda latente de se constituir o hábito da leitura nos alunos, principalmente os de escola pública, traz a necessidade de rever como a leitura está sendo trabalhada na escola, mais especificamente nas aulas de Língua Portuguesa.

O projeto com paródias realizado com os alunos do 8º ano B fundamentou-se teoricamente na Análise de Discurso, que trabalha o sujeito, a história e a língua, tendo como ponto crucial o fato de que o social e o histórico são constitutivos do discurso.

O leitor que a escola idealiza, ainda é aquele que decodifica com desenvoltura, lê com entonação, respeitando as pontuações e que "consegue se enquadrar no pensamento do autor", sabendo informar após a leitura, "o que o autor quis dizer." O aluno que não "consegue interpretar", na visão da escola, é aquele que decodifica, porém não responde com o vocabulário do livro didático.

O desenvolvimento do projeto de intervenção possibilitou ressignificar *como* trabalhar leitura e escrita nas aulas de Língua Portuguesa. A música, tão presente no cotidiano dos alunos, por exemplo, não ocupa um espaço reconhecido na escola, haja vista que muitos professores a rotulam como uma das vilãs da aprendizagem. São frequentes comentários como "Esses alunos não querem saber de nada, só de ouvir música com fone de ouvido dentro da sala de aula." Agora, conseguimos compreender que os alunos se interessam, sim, por muitas coisas e que a música, enquanto texto, pode e deve ser trabalhada na escola. E junto com ela, há uma variedade de outras materialidades como sons, ritmos, imagens, expressões corporais, dentre outras, à disposição para serem mobilizadas. Os vídeos de clipes musicais trazem imagens e cores, danças e legendas com as letras das músicas ouvidas pelos alunos e acessadas nas redes sociais. Entretanto, a velha prática do uso exclusivo do livro didático ou materiais fotocopiados para se estudar a gramática solta e descontextualizada, ainda são

proeminentes na escola e servem para sustentar o discurso de muitos de que "os alunos não se interessam por mais nada."

A Análise de Discurso tem como unidade o texto enquanto discurso, "como em seu funcionamento o texto produz sentido." (Orlandi, 2010, p. 16). Esse texto estará sempre ligado à exterioridade, a outros textos lidos, que é o já-dito em outros lugares e de outras maneiras. Assim sendo, foi possível estabelecer essa relação com as produções orais e escritas dos alunos em cada atividade desenvolvida durante o projeto, bem como na atividade final de produção das paródias. Em todas as atividades, os alunos demonstraram essa exterioridade constitutiva no que falavam e escreviam, que é a memória discursiva.

A paráfrase (o mesmo) e a polissemia (o diferente) que sustentam o dizer, estabelecem a repetição e o novo no discurso. Mesmo quando há a repetição de uma proposição ou de uma palavra, esta surge nesse novo contexto, diferente de quando foi usada em outro lugar, em outros contextos, em outras condições de produção. O sentido está sempre em circulação, pois está em constante movimento na história. Na produção das paródias, os alunos utilizaram trechos das letras das músicas originais, conferindo-lhes um novo significado. "A paráfrase representa assim o retorno aos mesmos espaços do dizer. Porém produzem-se diferentes formulações do mesmo dizer sedimentado. A paráfrase está do lado da estabilização. Ao passo, que, na polissemia, o que temos é deslocamento, ruptura de processos de significação. Ela joga com o equívoco." (ORLANDI, 2000, p. 36).

Foi visível o envolvimento de quase 100% dos alunos nas atividades concernentes ao projeto, fato que se deve à inclusão da música e outras materialidades. O aparelho celular foi utilizado para baixar e ouvir as músicas em sala de aula e também para compartilhá-las com os outros colegas. Como a equipe gestora estava ciente desde o início sobre como seria a realização das atividades do projeto e da produção final, não havia a preocupação com o uso do celular em sala, uma vez que essa prática é proibida durante as aulas.

Nos momentos em que o data show foi utilizado em sala para a exibição de vídeos, de filmes e clipes, ou que os alunos simplesmente cantavam as músicas, por várias vezes houve agrupamento de alunos de outras turmas nas janelas. A música chamou a atenção de todos, pelo fato de não ser comum ouvir-se os alunos do Ensino Fundamental II, cantando em sala de aula. No Ensino Fundamental I (1º ao 5º ano), alguns professores ainda trabalham com músicas infantis, mas nos anos finais do Ensino Fundamental essa prática não é comum.

No período de elaboração do projeto as atividades que programadas contemplavam restritamente as paródias com músicas. Depois, no período de execução, outras foram surgindo de acordo com o andamento e as necessidades da turma. As paródias em charges

com temas políticos, por exemplo, foram trabalhadas porque nos meses de setembro e outubro, os alunos estiveram em contato diário com as propagandas políticas através da mídia, principalmente nas redes sociais. Os alunos iam para a sala de aula comentando sobre as propagandas do horário gratuito e das que visualizavam no Facebook. Portanto, foram também incluídas no projeto em questão.

Outras atividades extraclasses também surgiram no desenvolvimento do projeto, pois o trabalho com as produções fílmicas e imagéticas se tornaram de extrema importância para as produções das paródias de músicas. Desta forma o aluno teria material suficiente para a elaboração das paródias no tocante à temática, pois sempre que se tem a proposta de uma produção, o aluno alega não "ter ideia" ou não "saber sobre o que escrever." No momento da produção das paródias, devido ao contato com todas essas materialidades, foi possível sentir a segurança dos alunos ao lidarem com as produções. E mais, eles estabeleceram relações entre as temáticas das paródias e os filmes assistidos na 9º Mostra de Cinemas sobre Direitos Humanos, no SESC Arsenal.

Os alunos, por pertencerem a uma comunidade de um bairro periférico de Várzea Grande, o Mapim, poderiam ter feito em suas produções, apologia às drogas e à violência na qual estão inseridos e convivem no seu dia a dia. Este é o imaginário que circula sobre eles. Mas fizeram o oposto, mostrando o que realmente anseiam enquanto cidadãos. Os direitos que constam na Constituição Federal, mas que na prática, estão bem aquém da população, é o que os alunos anseiam na verdade. O direito de ir e vir sem correr o risco de assaltos, uma família que transmita segurança ao adolescente que se encontra em fase de mudanças e questionamentos. E juntando-se a isso, a tão desejada paz no mundo, o resgate dos valores e atitudes há muito esquecidos pela sociedade. Todas essas questões permearam as produções de paródias dos alunos.

Os entraves surgidos no período de realização do projeto foram muitos. Houve dias em que os alunos participaram de jogos interclasses; em outro, os alunos receberam suspensão em massa, por não terem feito as atividades na aula de História. Era nesse último dia que os alunos assistiriam o filme "Lixo Extraordinário", de Vik Muniz. Entretanto, já na fase da produção das paródias, o professor de Matemática cedeu quatro das suas aulas para que o trabalho, enfim, pudesse ser concluído.

Atividades com paródias são sem dúvida, uma alternativa para trabalhar a leitura e escrita com os alunos em fase de pré-adolescência e adolescência, por estarem muito envolvidos com vídeos, músicas e outras materialidades imagéticas. Há possibilidades de tornar esse, um projeto interdisciplinar, no qual vários professores estarão envolvidos, bem

como os alunos que passarão a considerá-lo não apenas como um projeto de Língua Portuguesa, mas como um projeto da escola.

O envolvimento dos alunos no projeto mostrou que eles podem desenvolver o gosto e hábito pela leitura, desde que se proponham atividades lúdicas que levem em consideração o jovem aluno em transformação e sua relação com a linguagem que não é transparente e que no seu funcionamento produz os efeitos de sentido.

O ensino da Língua Portuguesa no século XXI deve pautar-se no desafio que consiste em andar junto com o aluno, compreendendo as transformações no mundo e a relação do leitor com a linguagem. O aluno com quem temos contato hoje é aquele que passa o seu tempo lidando com as tecnologias e, muito dificilmente, se sentirá atraído por aulas em que o professor utiliza somente o quadro, o giz e o livro didático.

Há como se trabalhar a leitura e a escrita, partindo-se dos meios tecnológicos, utilizando-se ferramentas que os alunos usam diariamente para se comunicar em redes sociais, ouvir músicas, assistir vídeos e pesquisar sobre assuntos diversos. Realizar uma aula no laboratório de informática, exibir um filme, utilizar data show nas aulas e fazer circular as produções dos alunos nas redes sociais, são exemplos de como o professor pode utilizar os meios tecnológicos para o ensino.

Por fim, ressaltamos que o êxito no processo ensino-aprendizagem dependerá sempre da forma como é feito o trabalho com a leitura e a escrita em qualquer área de ensino. Os resultados advindos de um processo que propicia "praticar a autoria no cotidiano das linguagens" (LAGAZZI-RODRIGUES, 2010, p. 99) na escola e fora dela, poderão ser o marco para mudanças tão almejadas na Educação. Eis aí o grande desafio.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Júlio César. Introdução – Internet & ensino: novos gêneros, outros desafios. In: RODRIGUES-JÚNIOR, Adail Sebastião et al. **Internet & ensino: Novos gêneros, outros desafios**. Rio de Janeiro: Singular, 2° ed, 2009. p. 15-18

BISINOTO, Leila Salomão Jacob. **Migrações internas, norma e ensino da língua portuguesa**. Campinas: RG, 2009.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa.** Brasília: MEC/SEF, 1998.

Ministério da Educação. PDE: Plano de Desenvolvimento da Educação: Prova Brasil: ensino fundamental: matrizes de referência, tópicos e descritores. Brasília: MEC, SEB; INEP, 2008.
Ministério da Educação. Curso de prevenção do uso de drogas para educadores de escolas públicas . Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas. Brasília: Ministério da Justiça, 2012.
Ministério da Educação. Com direito à palavra: dicionários em sala de aula. Secretaria de Educação Básica, 2012.

CAIADO, Roberta Varginha Ramos. A ortografia no gênero weblog: entre a escrita digital e a escrita escolar. In: RODRIGUES-JÚNIOR, Sebastião Adair et al. **Internet & ensino: novos gêneros, outros desafios**. Rio de Janeiro: Singular, 2º ed. 2009. p. 35-63.

CARDOSO, Sílvia Helena Barbi. Discurso e ensino. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

DINIZ, Renata. **Requília.** [2013]. Brasil: Universidade Federal Fluminense – IACS/KUMÃ. Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, 2013. Disponível em: < http://www.mostracinemaedireitoshumanos.sdh.gov.br/2014/?q=mostra-competitiva/filme/requilia > Acesso em: 19 nov. 2014. Entrevista concedida na 9ª Mostra de Cinema e Direitos Humanos.

DI RENZO, Ana Maria. **Estado, a Língua Nacional e a Construção das Políticas Linguísticas**. Campinas: Pontes Editores, 2012.

DUQUE, Clarissa. **Galus galus**. [2013]. Brasil: Universidade Federal Fluminense – IACS/KUMÃ. Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, 2013. Disponível em: < http://www.mostracinemaedireitoshumanos.sdh.gov.br/2014/?q=mostracompetitiva/filme/galus-galus > Acesso em: 19 nov. 2014. Entrevista concedida na 9ª Mostra de Cinema e Direitos Humanos.

ESCRITOS: **Escrita, escritura, cidade** (III). Laboratórios de estudos urbanos- LABEURB. Campinas: Unicamp, n. 07, agosto 2002.

FARIAS, Lilian. Aula na política. 22 set.2012. Disponível em:< http://www.poesianaalma.com.br/search/label/Cartunista%20Solda Acesso em: 19 out. 2014.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Aurélio Júnior**: dicionário escolar da Língua Portuguesa. Curitiba: Positivo, 2º ed, 2011.

FERREIRA, Martins. **Como usar a música na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 8º ed, 2013.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Dieta do Brasileiro é pobre em nutrientes e rica em calorias**. São Paulo, 29 jul. 2011. C8. (Saúde)

FOLHA DE TUCURUÍ. **Charge Vítimas da sedução**. 19 ago. 2014. Disponível em: < http://folhadetucurui.blogspot.com.br/2014/08/charge-vitimas-da-seducao.html > Acesso em: 19 out. 2014.

GALLO, Solange. **Ensino da língua escrita x O ensino do discurso escrito**. Tese (Doutorado em Linguística). Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, 1989

IN THE SKY, Lucio. **Eleições em Brasília. A volta do nosferatu Arruda**. 31 jul 2014. Disponível em: < https://luciointhesky.wordpress.com/tag/eleicoes-em-brasilia/>. Acesso em: 19 out. 2014.

KRIEGER, Elisabeth. **Descobrindo a música -** ideias para a sala de aula. Porto Alegre: Sulina, 3º ed, 2012.

LAGAZZI- RODRIGUES, Suzy e ORLANDI, Eni Puccinelli (orgs). **Introdução às ciências da linguagem -** Discurso e textualidade. Campinas, SP: Pontes, 2° ed, 2010.

LEAL, Viviane Pereira Lima Verde. O chat quando não é chato: o papel da mediação pedagógica em chats educacionais. In: RODRIGUES-JÚNIOR, Sebastião Adail et al. **Internet & ensino**: novos gêneros, outros desafios. Rio de Janeiro: Singular, 2009. P. 48-63.

MAIA, Christiane Martinartti; SCHEIBEL, Maria Fani. **Didática:** organização do trabalho pedagógico. Curitiba: IESDE Brasil S.A, 2006.

MATO GROSSO, Secretaria de Estado de Educação. **Escola ciclada de Mato Grosso:** novos tempos e espaços para ensinar – aprender a sentir, ser e fazer. Cuiabá: Seduc. 2º ed, 2001.

MARTINS E SILVA. Vera Regina. **Um lugar de visibilidade do sujeito deficiente mental**. 2.000 . Dissertação (Mestrado em Linguística) — Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas. 2000.

MENDONÇA, Antônio Sérgio Lima. Por uma teoria do simbólico. Petrópolis: Vozes, 1974.

NUNES, José Horta. **Formação do leitor brasileiro:** imaginário da leitura no Brasil colonial. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1994.

OLIVEIRA; Gabriela Rodella de; RODRIGUES, Flávio Nigro; CAMPOS, João.

Português – A arte da palavra. 7º ano. São Paulo: Editora AJS Ltda, 2009. (p.236-237), il. color.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e leitura.** São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1998.

_____. **Análise de discurso:** princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 2º ed, 2000.

_____. A leitura e os leitores. (Organizadora). Campinas, SP: Pontes, 2º ed, 2003.

_____. **A linguagem e seu funcionamento:** as formas do discurso. Campinas, SP: Pontes, 4° ed, 2003.

_____. **Interpretação, autoria -** leitura e efeitos do trabalho simbólico. Campinas, SP: Pontes Editores, 6º ed, 2012.

PASSARELLI, Lílian Ghiuru. **Ensino e correção na produção de textos escolares**. São Paulo: Telos, 1°ed, 2012.

PASSOS, Alcindino Rodrigues. **Coletânea de versos em paródia.** Mato Grosso do Sul: Associação de Novos Escritores de MS, 1° ed, 2002.

PERRENOUD, Philippe. **Formar professores em contextos sociais em mudança:** prática reflexiva e participação crítica. Rev Bras de Educação, 1999 set/dez; 12: 5-21.

PINTO, Célia Regina Jardim. **Elementos para uma análise de discurso político**. 2005. Disponível em: http://online.unisc.br/seer/index.php/barbaroi/article/view/821/605. Acesso em: 18 jun.2015.

PFEIFFER, Cláudia Castellanos. O leitor no contexto escolar. In: Orlandi, Eni Puccinelli (Org.). **A leitura e os leitores**. Campinas, SP: Pontes, 2003. p. 87-104.

PETRI, Verli e DIAS, Cristiane (org). **Análise do discurso em perspectiva**: teoria, método e análise. Santa Maria: Editora da UFSM, 2003.

PIMENTEL, Marcos. **Sanã.** [2013]. Entrevistador: Felipe Fernandes. Brasil: Universidade Federal Fluminense – IACS/KUMÃ. Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, 2013. Disponível em: < http://www.mostracinemaedireitoshumanos.sdh.gov http://www.mostracinemaedireitoshumanos.gov http://www.mostracinemaedireitoshumanos.gov http://www.mostracinemaedireitoshumanos.gov http://www.mostracinemaedireitoshumanos.gov <a hr

PINTO, Rosilene. **Exposição Voos Xamãnicos da Artista Plástica Ruth Albernaaz**.06 nov.2014. Disponível em: http://fuzuedasartes.blogspot.com.br/2014/11/nesta-sexta-feira-tem-abertura-da.html > Acesso em: 19 out. 2014.

PIRES, Robson. "Candidatos do barulho" começam a planejar estratégias. 22 jul. 2014. Disponível em:< http://www.robsonpiresxerife.com/notas/candidatos-do-barulho-comecam-a-planejar-estrategias/ > Acesso em: 19 out. 2014.

PITOMBO, Tânia Oliveira. **Fronteira Discursiva:** o paralelo 13° e os sentidos da exclusão. Cáceres/MT: Editora Unemat, 2007.

RAMOS, Rogério de Araújo. **Dicionário Didático de Língua Portuguesa:** ensino fundamental I. São Paulo: Edições SM, 2011.

RANGEL, Egon de Oliveira, ROJO, Roxane Helena Rodrigues (Coord). **Língua Portuguesa:** ensino fundamental. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. Revista do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade da Unicamp - NUDECRI. Campinas, SP, nº 4, março 1998.

Revista Trimestral de Cultura. **Sobre a paródia**. Rio de Janeiro: Revista Tempo Brasileiro, nº 62, julho - setembro 1980.

RIMAWE, Tariq. **Growing** (Crescendo). [2013]. Entrevistador: Felipe Fernandes. Brasil: Universidade Federal Fluminense – IACS/KUMÃ. Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, 2013. Disponível em: http://www.mostracinemaedireitoshumanos.sdh.gov.br/2014/?q=mostra-competitiva/filme/growing > Acesso em: 19 nov. 2014. Entrevista concedida na 9ª Mostra de Cinema e Direitos Humanos.

RIOLFI, Cláudia. et al. Ensino de Língua Portuguesa. São Paulo: Cengage, 1º ed, 2008.

ROGRIGUES-JÚNIOR, Sebastião Adail et al. **Internet & Ensino:** novos gêneros, outros desafios. Rio de Janeiro: Singular, 2º ed, 2009.

ROJO, Roxane Helena; MOURA, Eduardo. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SANT'ANNA, Affonso Romano. **Paródia, Paráfrase e Cia.** São Paulo: Ática, 3° ed, 1988.

SANTOS, Leonor Wernek dos (org). **Discurso, coesão e argumentação**. Rio de Janeiro: Editora Oficina do Autor, 1996.

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO. **Orientativo 2013, Ciclos de Formação Humana**. Coordenadoria do Ensino Fundamental, SUEB/SEDUC, 2013.

_____. **Projeto Sala de Educador -** Parecer Orientativo *2013*. SAPE/SUFP, Coordenadoria de Formação e Avaliação dos Cefapros, 2013.

SILVA, Fáuston da. **Meu amigo Nietzsche.** [2013]. Entrevistadora: Luana Farias. Brasil: Universidade Federal Fluminense – IACS/KUMÃ. Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, 2013. Disponível em: < http://www.mostracinemaedireitos humanos.sdh.gov.br/2014/?q=mostra-competitiva/filme/meu-amigo-nietzsche > Acesso em: 19 nov. 2014. Entrevista concedida na 9ª Mostra de Cinema e Direitos Humanos.

SILVA, Mariza Vieira da. A escolarização da língua nacional. In ORLANDI, Eni P. (org.). **Política lingüística no Brasil**. Campinas, SP: Pontes; 2007. p. 141.161

SOUZA, Deusa Maria. Autoridade, Autoria e Livro didático. In: CORACINI, Maria José Rodrigues Faria. (org) **Interpretação, Autoria e Legitimação do Livro didático**. Campinas, SP: Pontes, 1999. p. 27-31.

TAVARES, Rosemeire Aparecida Alves; CONSELVAN, Tatiane Brugnerotto. **Vontade de Saber Português.** 6º ano. 1ª ed. São Paulo. FTD, 2012. (p.36-43), il.color.

_____. Vontade de Saber Português. 8º ano. 1ª ed. São Paulo. FTD, 2012. (p.222-223), il.color.

VALENTIM, Sérgio. **Quilombo da família Silva.** [2013]. Entrevistador: Daniel Nolasco. Brasil: Universidade Federal Fluminense – IACS/KUMÃ. Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, 2013. Disponível em: < http://www.mostracinemaedireitos humanos.sdh.gov.br/2014/?q=mostra-competitiva/filme/quilombo-da-familia-silva > Acesso em: 19 nov. 2014. Entrevista concedida na 9ª Mostra de Cinema e Direitos Humanos.

ANEXO A

ATIVIDADE – PROJETO ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL (CARDÁPIO)

CARDÁPIO DA SEMANA

SEGUNDA	TERÇA - FEIRA	QUARTA- FEIRA	QUINTA- FEIRA	SEXTA-FEIRA
CAFÉ DA	CAFÉ DA	CAFÉ DA	CAFÉ DA	CAFÉ DA
MANHÃ ,	MANHÃ	MANHÃ	MANHĀ	MANHÃ
waster act	TOJ T	1 Tury	ALTO OTH	+am nuth
STATE FOR	Smaline .	Month	0000	Bogun
attalect	Lunas	Connell	137/30	Kuhinu
COLUMN COLUMN	Cas Grass	NOO.	JIJ JAN	Salarlogu
ANCHE	LANCHE	LANCHE	LANCHE	LANCHE N
amo	Courounces?	Sytuation	CONTORN	SNB0940
awm.	Sumo	abinition	prohiter	(IVV) mil
Bashintin	r garage	21 Maritimus	P Foot	Towns
- No.		TAMPAND	erice	QUITIN ALMOSO
ALMOÇO	ALMOÇO	ALMOÇO	ALMOÇO	ALMOÇO
MrQ	JAMAS	JN033	Manag.	dina3
June -	willio	of Asympton	opoerfield	adjuly
- tomb	P. MOLIE	10	ahaka	6.50
appropri	BOWDON	(DING) Baw	Simul	Sound
	alith			anna
	Mer (Sept.)	LOCA	LANCHE	LANCHE
ANCHE	LANCHE	LANCHE	TANCHE (MICHE)	toward,
J BORING	Barga	G Bran		Myo,
olaran.	Apo monitorial	Manda	olgalio (ando
11100	Parlow	- PS 1 4 4	Mag	th.
MixIN	chave	obotos	and the same of th	aprioram
ANTA	JANTA	ATA	ATMAL	SOUCH
JAMAS	COURT	20 politin	ESTORY COM	The state of the s
antial	Drie	- Nows	aglos	Million
002005	Moran	antal a	OleBn	phon
100 to 101 A	Sull	Lugar	. 40	WOLDSA
MERCH		1 100	Control of the Contro	And Andrews
Museum	70000	In Source of	anact ani	<u>(U)</u>

CARDÁPIO DA SEMANA

SEGUNDA	TERÇA - FEIRA	QUARTA- FEIRA	QUINTA- FEIRA	SEXTA-FEIRA
CAFÉ DA MANHÃ Sizunda: Poo com Eafu	CAFÉ DA MANHÃ Turça:	CAFÉ DA MANHÃ MIONTO : leite cape Cato cam Soudinho	Ralingm	CAFÉ DA MANHÃ Suxto: Refrii Com Laxanho
Suco com loghelo	LANCHE Reference Com Bab	LANCHE Suca de larango de fulsa	LANCHE Suacino entantico Poo de millo	LANCHE Paranha calpi
ALMOÇO Juijão S alado avouz carre	ALMOÇO con Solsicho l Gilii	ALMOÇO LOVEZ Com Galdo Caipila	com contelo frito	Com Com Com come maiolo
Caco colo con Con	Sura Sura Solocati	LANCHE Sumono Bala dellas	Com Com Com Coo Sominho	LANCHE Cody
JANTA Jorg com carmi carido	JANTA Arej Com Juizon Solods	JANTA Com fieryoo com	Com Corre	JANTA Com frigo cotalo

PROFESSORA: 6 naniele anno de Franço

ANEXO B

ATIVIDADES – PARÓDIAS EM CHARGES COM TEMAS POLÍTICOS



COMO É QUE

SE CONJUGH
O VERBO ROUBHR,
MESMO?

EU ROUBO, TU ROUBRS, ELE ROUBR, NOS ROUBRIMOS, VOS ROUBRIS, ELES QUE SE DRINEM!



Bearing as an on relation on and continuous or relation on a color of the continuous colors of the c



mais Temos que votas com la	miline io
e un bon contribers.	OF CATALOGY -
UNDIA SUZONE & Manyama	8º [3
ROFESSORA: Emanule	8 ₂ [·

PARÓDIAS COM TEMAS POLÍTICOS- CHARGES

ESCREVA SOBRE OS EFEITOS DE SENTIDOS PRODUZIDOS PELAS CHARGES:



The will in some of policy of and some horses of the horses of the methorses was pourse bourse had me horses.



ele vas totan em dori par que tori fa mui to barrulho, e nas prencisa disso, una pas dori em que, per elega assessi ias dori las Votas em que,

burulho

COMO É QUE SE CONJUGH O VERBO ROUBHR, MESMO?

EU ROUBO, TU ROUBRS, ELE ROUBR, NOS ROUBRIMOS, VÕS ROUBRIS, ELES QUE SE DRINEM!



and Jan Raylon a of Para Presidente Que se dancero



ele motione propolitica i que dan solutação andas

PROFESSORA: Emanueli Firança

PARÓDIAS COM TEMAS POLÍTICOS- CHARGES

ESCREVA SOBRE OS EFEITOS DE SENTIDOS PRODUZIDOS PELAS CHARGES:



PARÓDIAS COM TEMAS POLÍTICOS- CHARGES

ESCREVA SOBRE OS EFEITOS DE SENTIDOS PRODUZIDOS PELAS CHARGES:



Rusard magat talabilion ou soir a consequence of color of colors o



con abone ingaques anducoel abe miled

COMO É QUE SE CONJUGH O VERBO ROUBHR, MESMO?

EU ROUBO, TU ROUBRS, ELE ROUBR, NOS ROUBRIMOS, VOS ROUBRIS, ELES QUE SE DRINEM!

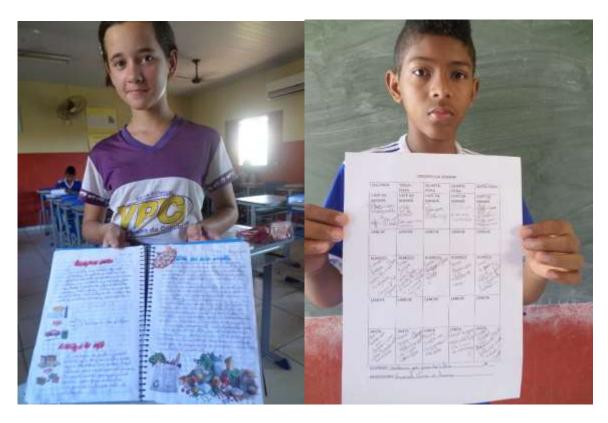


Do fonditados eles não pinso no pous to pento êles fuo eiros oi êles po penso da poro tico eiros e do um pouco al dimensivo amão da poro



ponis não sobre vator direito não sobre pero quiño eles Jambem lempro o viesto as pois pero felos cas sobre que foi elemprodos mais a Eles folo que são soprale sisque quem voltou que e soprado ALUNO(A) ca ndriba Elles, Kieyoram Thairmen 80 B PROFESSORA: Emamul

ANEXO C FOTOS DO PROJETO DE INTERVENÇÃO – PROJETO ALIMENTAÇÃO SAUDÁVEL







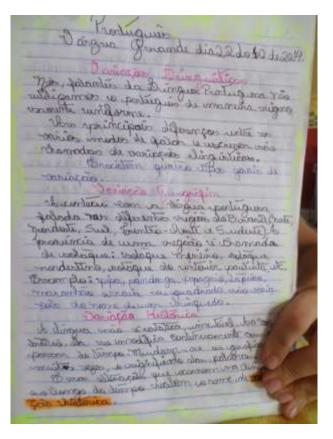


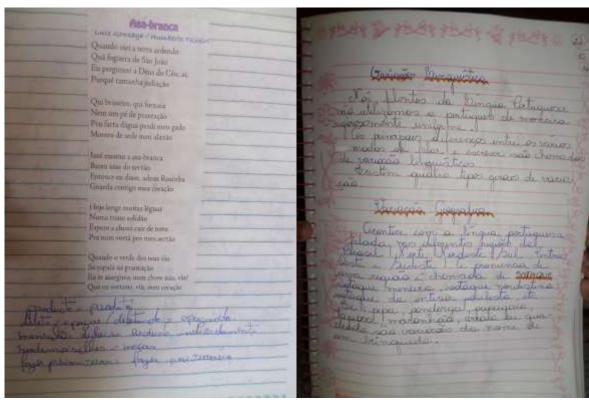






ANEXO D ESTUDO SOBRE AS VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS





ANEXO E PARÓDIA EM PROPAGANDAS





ANEXO F FILME "LIXO EXTRAORDINÁRIO", DE VIK MUNIZ





ANEXO G VISITA AO SESC ARSENAL





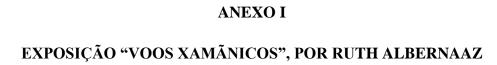
ANEXO H OFICINA DE IDEIAS





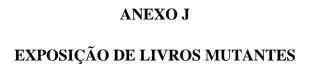




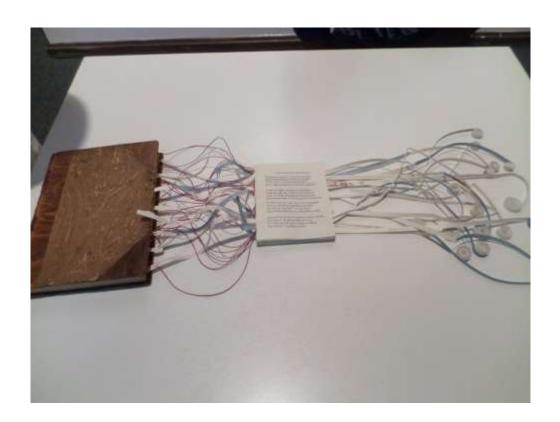




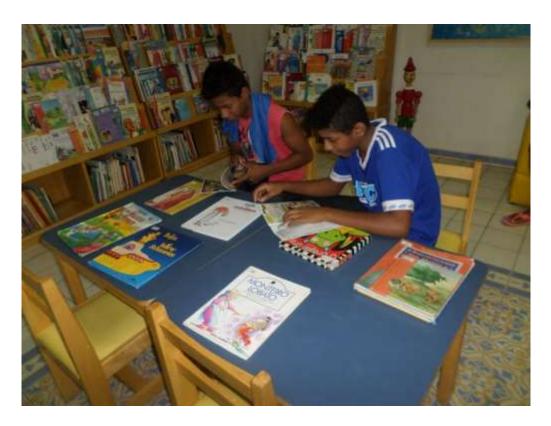








ANEXO K BIBLIOTECA SESC ARSENAL





ANEXO L

LETRAS DAS PARÓDIAS PRODUZIDAS

MEU FUTURO (NA LINHA DO TEMPO)

VICTOR E LÉO

EU PENSEI NO MEU FUTURO, NA MINHA VIDA E NAS ESTRELAS PRA DESENHAR O MEU CÉU. NA LINHA DO TEMPO EU DECRETEI COM LETRAS DOURADAS: "UM MUNDO MELHOR".

HÁ QUANTO TEMPO EU ESPERAVA PRA VIVER NUM MUNDO ASSIM EM QUE O AMOR FOSSE CONSTANTE E A GUERRA FOSSE O FIM.

VOU TE DIZER... VOU DIZER BASTA DE GUERRA O QUE EU QUERO É A PAZ, TODOS UNIDOS SE AMANDO MAIS E MAIS. EU QUERO AMOR EU QUERO SONHOS EU PRECISO DE AMOR. E NESSES VERSOS VOU TENTANDO TE DIZER QUE COM O AMOR É BEM MELHOR PRA SE VIVER. O SENTIMENTO MUDA TUDO, MUDA O MUNDO E TRAZ O AMOR.

A FAMÍLIA (ASA BRANCA)

LUIZ GONZAGA

A FAMÍLIA É UNIDA E NÃO DEVE BRIGAR NÃO VIVENDO EM PAZ COM MUITO AMOR DEVE TER MUITA COMPREENSÃO.

PAIS E FILHOS SEMPRE UNIDOS COM MUITA DEDICAÇÃO.

FAZENDO TUDO COM MUITO ESFORÇO

VIVENDO SEMPRE EM COOPERAÇÃO.

CADA ANO QUE SE PASSA

A FAMÍLIA CRESCE MAIS

E ENTÃO AJUDA A SOCIEDADE A CIDADÃOS BONS PRA TRANSFORMAR.

AS FAMÍLIAS SÃO A PROVA

QUE É POSSÍVEL TRANSFORMAR

PRA TODO MUNDO VIVER FELIZ, TRAZENDO AMOR PRA TODO LAR.

PAZ NO MUNDO (PENSE EM MIM)

LEANDRO E LEONARDO

EM VEZ DE VOCÊ FICAR PENSANDO EM GUERRA. EM VEZ DE VOCÊ VIVER FALANDO EM GUERRA...

PENSE EM PAZ, FAÇA A PAZ

VIVA A PAZ, NÃO, NÃO VIVA EM GUERRA

A PAZ É MELHOR.

SE LEMBRE QUE A GUERRA SÓ TRAZ DOR PARA A TERRA, PRA TERRA, PRA TERRA.

ESPALHE O AMOR E VIVA FELIZ.

VAMOS PEGAR O PRIMEIRO AVIÃO COM DESTINO AO AMOR ETERNO, ESPALHE O AMOR E VOLTE A SORRIR.

DIZ PRA MIM (DIZ PRA MIM)

BANDA MALTA

VOCÊ ESTÁ PRESENTE NO OLHAR, PENSEI EM TE FALAR O QUE TU ÉS PRA MIM. O MUNDO ESTÁ PRECISANDO MUDAR, MAS DEPENDE SÓ DE MIM. DE ONDE ESTOU, POSSO VER O CAMINHO QUE PRECISO FAZER.

DIZ PRA MIM O QUE EU JÁ SEI, NÃO É MUITA COISA NOVA PRA CONTAR ...
DIZ PRA MIM QUE A PAZ EU SEI, TODOS PODEM CULTIVAR ATÉ O FIM... E
COMEÇAR A SORRIR.

PARÓDIA FEITA COLETIVAMENTE SÓ O AMOR (A PAZ)

ROUPA NOVA

DEVE HAVER UM LUGAR MUITO BOM PRA SE VIVER

ONDE A PAZ TRAGA MAIS QUE UMA LEMBRANÇA.

SE PENSAR, AFINAL É POSSÍVEL ACONTECER

ISSO IRÁ DEPENDER SÓ DE VOCÊ.

SINTA, CHEGA O TEMPO DE SORRIR EM TODO O MOMENTO

E PRO SEU IRMÃO ESTENDER A MÃO.

CORO

SÓ O AMOR MUDA O QUE JÁ SE FEZ

TRAZENDO A PAZ PARA TODOS E ESPERANÇA

BASTA UM SORRISO

PRA MUDAR A SORTE DE MUITOS

E FAZER A TERRA INTEIRA FELIZ.

QUANTA DOR, TRISTEZA E ÓDIO EM VOLTA A GENTE AINDA TEM.

PRA MUDAR A FÉ NO MUNDO TEMOS QUE ESPALHAR O BEM.

A MISSÃO MINHA E SUA É TRAZER AMOR E PERDÃO.

E BUSCAR A PAZ, SEM OLHAR PRA TRAS... SÓ O AMOR.

SE VOCÊ COMEÇAR TUDO PODE ENTÃO MUDAR

VENHA JÁ, TRAGA PAZ E ESPERANÇA.

SINTA, CHEGA O TEMPO DE SORRIR EM TODO O MOMENTO

E PRO SEU IRMÃO ESTENDER A MÃO.

ANEXO M

FESTIVAL DE PARÓDIAS





















ANEXO N CIRCULAÇÃO DAS PARÓDIAS NAS REDES SOCIAIS (FACEBOOK)











ANEXO O

"EFEITO DE FECHO" DO PROJETO – PASSEIO AO SESC BALNEÁRIO



















